

## **CULTURAS E JUSTIÇA: UMA PERSPECTIVA DE MISSÃO PARA A VIDA CONSAGRADA**

*Anthony Rogers, fsc*

### **Apresentação**

Para início deste novo Caderno MEL, aprez-me primeiramente fazer uma breve apresentação do Irmão Anthony Rogers. Isto lhes ajudará a entender melhor o conteúdo de sua reflexão.

Nascido em Penang, Federação da Malaisia, o Irmão Anthony ingressou no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs em 1968. Obteve sua Licenciatura e uma diplomação em Educação na Universidade da Malaisia em 1974. Após lecionar durante cinco anos em dois Colégios dos Irmãos, conquistou seu Mestrado em Sociologia Pastoral no Instituto Social Asiático e na Universidade DeLa Salle, em Manila, na República das Filipinas.

Atualmente o Irmão Anthony Rogers é o responsável pelo Setor Lassalista e presidente do Conselho de Educação Lassalista da Federação da Malaisia.

Foi Secretário Executivo da Federação da Conferência dos Bispos Asiáticos (FABC), Secretaria para o Desenvolvimento Humano, de 1990 até 2009, e também esteve trabalhando em outras Comissões da FABC, incluindo a Comissão de Capelania de Estudantes e Educação e do *Bureau* da FABC para a Educação não formal, durante vários anos.

Um Observador analítico perspicaz dos assuntos asiáticos, escreveu extensamente sobre teologia atual e eclesiologia da Igreja asiática. Foi praticante e escritor da vida cristã, e sua última contribuição à Igreja asiática é o livro intitulado “*The Faces of Joy and Hope in Asia*” (“Os Rostos de Alegria e de Esperança na Ásia”), uma compilação de vários artigos que foram apresentados em vários seminários, conferências e contribuições para várias publicações nestes últimos anos. Como grande defensor da Justiça e da Paz, foi um dos encarcerados sem julgamento, por mais de um ano pelo Governo sob a lei de Segurança Interna, em 1979.

Como Diretor do “*National Office for Human Development/Catholic Welfare Services (NOHD –CWS, Kuala Lumpur, Malaisia*” ele esteve envolvido no trabalho de formação, especialmente na Doutrina Social da Igreja. Isto inclui o incremento de ministérios para migrantes e refugiados, povos indígenas, pessoas com HIV/AIDS e famílias e crianças com necessidades especiais, desde 1981. Ele prestou serviços como membro da Caritas Internationalis – Comissão Executiva e foi também membro do *International Advocacy Committee*, durante longos anos.

Ele é também Membro do Conselho Pontifício de Justiça e Paz, e atualmente é Consultor do Conselho Pontifício para o Serviço Pastoral de Migrantes e de Povos Itinerantes, em Roma.

O Irmão Anthony redigiu este documento, MEL Caderno 42, para a Assembleia da União dos Superiores Gerais que foi realizada em outubro de 2009. O conteúdo nos pareceu apropriado para partilhar esta reflexão sobre a vida do Continente Asiático, que pode servir como um facho de luz para o resto do mundo. O documento foi escrito em uma perspectiva de vida consa-

grada, mas tem o mesmo valor para todos os colaboradores leigos comprometidos com a Missão Educacional Lassalista.

As realidades que estamos experienciando neste tempo, e que se traduzem na negação de elementos vitais para a humanidade – saúde, nutrição, educação e meio ambiente limpo - parecem algo contraditório em face do progressivo e rápido desenvolvimento das ciências e da tecnologia, que sem grande esforço nos poderiam facilitar fornecer todo o necessário a todos, para viver bem e em harmonia.

Essas realidades estão levando as pessoas a mudarem sua dinâmica cultural, e irem em busca de melhores condições de vida. Observa-se também uma grande mobilidade que faz com que dia após dia grandes porções de nossas regiões se convertam em espaços multiculturais, onde podemos intercambiar o melhor de cada uma de nossas culturas. É fácil observar essa realidade multicultural em grandes proporções na Ásia. O Irmão Anthony nos permite ver essa experiência de peregrinação na Ásia, que caminha em busca da justiça que deve reinar na cultura onde cada pessoa possa usufruir os elementos essenciais para a vida.

Irmãos e leigos comprometidos com a missão educativa lassalista, sempre devemos caminhar juntos para continuar contribuindo a fornecer, a partir da escola, todos os elementos para a promoção da justiça e o respeito cultural, onde quer que estejamos.

Por fim, agradecemos à União dos Superiores Gerais pela autorização para a publicação deste documento, e as traduções para o francês e o espanhol.

Irmão Jorge Enrique Fonseca Sánchez  
Secretário MEL

## Introdução

Ninguém que esteja consciente das realidades que nos rodeiam pode negar que o mundo tem mudado, tanto em sua dinâmica cultural interior como em suas estruturas e expressões sociais exteriores. Há aqueles que consideram que essas mudanças são tão drásticas que estamos à beira de uma crise de civilização. Com estas premissas temos de formular-nos perguntas radicais como: *“Será que a vida consagrada se renovou suficientemente em suas dimensões internas, e revitalizou sua forma de missão no mundo que concretizou tanta mudança? Continuamos nós a dar uma contribuição compatível à Igreja, chamada a ser “sinal e instrumento da salvação de Deus no mundo”?* *Será que já passou o tempo de vida útil e deixamos de ser relevantes para a Igreja e o mundo pós-moderno? Acaso, não haveria necessidade de uma nova criatividade no caminho a seguir para a Missão no século XXI?*

Certa vez, alguém argumentou que a mudança é outro nome de Deus, e que a única constante na vida é a mudança. Partindo desta perspectiva fundamental, as mudanças, segundo o plano eterno de Deus, são a revelação da sabedoria de Deus em cada época e cada geração, enquanto a humanidade sofredora prossegue escutando a voz de Deus. Sensível aos sofrimentos morais que as pessoas padecem e à tragédia humana, e à escuta da voz de Deus, o povo de Deus partilha com outros crentes uma responsabilidade comum. A humanidade anseia por compreender suas manifestações internas e externas, lendo os sinais dos tempos e escutando as vozes da época em que vive. Entre disarmonias e discordâncias, lutamos para sermos mais sensíveis ao conflito humano, para poder encontrar roteiros novos e criativos de compromisso, em face de uma homogeneização crescente da estrutura mental e da consciência, que nos converte em vítimas de uma fragmentação interior e de divisões externas. A dicotomia artificial entre fé e vida se tornou mais evidente ao pôr de lado a religião como algo irrelevante, ou apropriando-se da religião para convertê-la em várias formas de fundamentalismo que alimentam a violência e a cobiça.

## 1. Converter-se à Verdade e à Justiça

### 1.1. O *tsunami* moral dos nossos tempos

Há aqueles que, ao ter-se extinguido a esperança, preferem refugiar-se em um estado de negatividade e, pouco a pouco, chegam a acreditar que as poderosas forças desencadeadas sobre os povos e a natureza hão de permanecer para sempre. Pode ser traumático ficar sentados no *Titanic* a ponto de afundar, e arrumar as cadeiras no convés. Chegamos ao ponto de aceitar a situação, quando não nos conscientizamos do perigo eminente que nos ameaça, ou quando perdemos de todo a esperança de nos salvarmos.

Na Igreja e na Vida Consagrada há muitos que, satisfeitos, se lançam em uma hiperatividade estéril ou permanecem totalmente indiferentes e apáticos, porque, vendo tantas megafraaturas em seu derredor, acabam acreditando que elas são irreparáveis e que a solução é uma quimera. Pode ser aterrorizador chegar a dar-se conta que temos perdido a visão interior capaz de converter a esperança em um sonho; tendemos, então, à autocompaixão, ou decidimos adotar a agressividade como rumo para sobreviver. Hoje existe gente que, gradualmente, se foi convencendo que nós não somos o ápice da criação nem os sujeitos de re-criação. A turbulenta crise interior e a devastadora manifestação externa nos fazem perder nossa segurança interna e socavam os próprios fundamentos de nosso ser e de nosso devir. Através desse processo de perda de

luz interior, somente experimentamos obscuridade fora e, por conseguinte, tememos o mundo exterior.

Também é possível que, como resultado das novas experiências de Deus que fazemos em meio do sofrimento e da dor, tenhamos chegado a crer que Deus está vivo, e que estamos dispostos a adquirir uma nova tomada de consciência e assim recuperar a essência de um ethos (caráter comum de comportamento ou forma de viver de um grupo) que transforma e que é portador de vida. Vemos a importância de retornar às raízes espirituais de nossa herança cultural e de redescobrir a esperança em meio da angústia e da dor, presentes no mundo. O mistério só se revela nas profundidades de nosso santuário escondido e através de um caminho de interioridade contemplativa. As pessoas consagradas são chamadas a ser poetas e profetas da Harmonia Interior que nos conduz a Ser Um com o Criador, e assim estarmos prontos para sussurrar ao povo de hoje que Deus está vivo.

## 1.2. Um mundo de aflição e sofrimento

Para muitos de nós na Ásia, o Concílio Vaticano II, mediante a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, assentou as bases para o desenvolvimento da Doutrina Social da Igreja que enche o vazio entre nossa fé em Deus e nossa vida no mundo. Nossa imersão no mundo é o fruto de nosso batismo que nos permite ouvir a voz interior de Deus: “Tu és meu amado filho; tu és minha amada filha”. Somos chamados a ser batizados pelo Espírito de Deus, em meio da corrosiva riqueza da modernidade e das ondas do materialismo que está submergindo nossa cultura pessoa e nossas estruturas sociais. Nestes tempos difíceis, compreender com mais matizes a maneira e a forma em que Evangelho toma raízes nas culturas da comunidade humana para que as estruturas da sociedade se deixem penetrar pelo fermento do Evangelho. Podemos ser as novas sementes geneticamente modificadas por Deus que lancem raízes no mundo e no coração humano.

Nossas tentativas para redefinir nosso caminho a seguir como consagrados/as para renovar nossa missão têm sua proveniência no mundo de hoje, um mundo em crise. Muitos de nós admitimos que a crise que produz uma profunda sensação de medo, e que nos impulsiona a buscar segurança no isolamento, também pode ser o caminho para a alegria e a esperança. A essência do primeiro documento do Concílio Vaticano II, a Igreja no Mundo Moderno, *Gaudium et Spes*, é o ponto de partida para o novo mundo, tanto para a Igreja como para a Igreja no mundo. Não podemos renovar a Igreja e o mundo se a Igreja não for levedada, e o Espírito do Deus vivo no mundo não for acolhido no coração humano.

Esta nova sensibilidade mundial tem dado à Igreja na Ásia uma nova energia para a missão de evangelização. Hoje não podemos separar o mundo, a renovação de nossa vida consagrada e o caminho a seguir para nossa missão de evangelização no século XXI.

## 1.3. Lições que nos vêm do mundo da disparidade e da diversidade

O mundo que hoje está em crise é também o mundo da disparidade e da diversidade. A Ásia, de onde vêm dois terços da humanidade, dos quais 60% são jovens, é um continente caracterizado por comunidades étnicas, religiosas, culturais e tribais. Ao longo dos anos estas têm contado com a força interior de suas culturas e de suas tradições religiosas, que têm sido as bases da unidade e da luta contra a pobreza e as adversidades.

Neste contexto, a vida e a missão de Jesus de Nazaré, que nasceu na Ásia, nos dão força para reconhecer em nossa diversidade a unicidade de Deus presente de forma oculta em nossas culturas e religiões. Este mistério oculto de Deus tem sido o nascedouro de nosso caminhar rumo a uma nova consciência de que Deus é uno, e a humanidade é uma. Das alturas dos céus extraímos nossas intuições incrustadas em nossos textos sagrados universais, e aspiramos a aprender uns dos outros a sabedoria para nos defrontarmos com o mal que se apresenta a nós todos os dias da vida.

Para este diálogo com o povo de hoje, o Concílio Vaticano II nos convidou para tocar a profundidade de nosso ser e as raízes mais profundas de nossa fé. Foi a imersão nos sofrimentos e na angústia do povo de hoje que verdadeiramente tornou salvífico o mistério da Morte e da Ressurreição. Sabemos que a crise no mundo é também uma crise de nossa identidade interior e do nosso destino último. Nossos anos de inculturação desembocaram em uma mescla de fé baseada nas culturas de nossa sociedade, e as lutas de nosso povo nos permitiram alcançar as raízes mais profundas de nossa fé e chegar aos mananciais comuns de água viva. E esta é a maior graça que nos adveio do Concílio Vaticano II e da Doutrina Social da Igreja, e que nos faz compreender nossa missão evangelizadora no mundo de hoje.

## 2. Uma nova forma de ser consagrados/as no século XXI

Neste “Mundo projetado pelo Homem” torna-se necessário definir “Uma nova forma de ser pessoas consagradas no século XXI, consistindo em encarnar hoje a espiritualidade de Jesus. Ser pessoas consagradas, significa ser comunhão e converter o ser comunhão em nosso estilo de vida, como único caminho para nos solidarizar com o povo de Deus e os recursos da terra.

É esta a nossa visão e nosso sonho, mas, lamentavelmente esta geração está ocupada com seus pesadelos e não tem tempo para sonhos bons e ter visões. Para ler os sinais dos tempos à luz do Evangelho é preciso adotar um novo linguajar, e nós temos de ser o novo meio de comunicação com as pessoas. Trata-se de chegar ao ponto de convencê-las a se converterem às maneiras de ver de Deus e se reconciliarem com seu próximo. É necessário vivenciar a missão da Vida Consagrada não somente em um novo contexto, mas com uma nova sabedoria e nova energia, o que se traduz como “Criatividade em Caridade”. É um itinerário de vida fundamentado na Verdade que brilha na Caridade, e é irradiada por ela. Caridade em Verdade converte-se em um compromisso firme e perseverante em favor do bem comum.

O missionário do mundo pós-moderno não caminha só com a “Bíblia” nas mãos; ele leva também no coração todos os livros sagrados como evangelho de Vida. A missão não se limita à comunicação por palavras e fatos, mas é comunhão e transmissão de uma visão moral e ética que irá abrir os olhos a indivíduos e comunidades, para descobrirem em suas vidas o divino e o sagrado. Inicia com a missão *ad gentes*, mas, na realidade se converte em uma missão *inter gentes*, entre os povos, e culmina com o Deus EM nós, o Deus CONOSCO e o Deus ENTRE nós. Esta deve ser a nossa missiologia trinitária e nossa espiritualidade comunitária. Este novo compromisso com os povos de todas as tradições religiosas e o surgimento de uma cultura de vida, são o caminho rumo à harmonia social. É assim que devemos entender a santidade e a plenitude.

O que hoje nos caracteriza é nosso estilo de vida “reflexivo, meditativo”. A reflexão interior com que vivenciamos a missão nos permite fixar o olhar na realidade e revisar nossas vidas, especialmente como pessoas consagradas, à luz do Evangelho. Desta maneira tomamos consciência da lacuna que existe entre nosso discurso (aquilo que cremos), o culto (nossos atos de cele-

bração) e o testemunho (o ser sinais e instrumentos). Damo-nos conta de que quando existe interrupção de continuidade entre esses aspectos de nossas vidas, não temos possibilidade de crescer em plenitude. Continuaremos centralizados em nossas instituições, em nosso fazer, em vez de permitir que Deus e o próximo amadureçam “organicamente” em nossas vidas. Com a separação artificial entre fé e vida, existe um vazio, e as condições necessárias para nutrir a vida estão ausentes. No caso de haver rachaduras nos alicerces é temerário continuar a construir um novo edifício. A vida consagrada sempre tem sido as novas sementeiras; os novos alicerces para que o Reino de Deus germine; se construa.

### 3. A missão de evangelizar no século XXI

#### 3.1. Nosso roteiro rumo à evangelização social

Numerosos são aqueles que, hoje, estão iniciando a articular a necessidade de uma nova orientação social e de uma nova norma de procedimento para a Igreja. É questão de ver a importância que a Igreja tem em face do mundo em crise. A evangelização social deve ser a expressão visível do Reino ENTRE nós, EM nós e COM nós. A vida em plenitude não se acomoda com nenhuma separação artificial entre nossa fé individual e nossa vida pública. Nossa fé pessoal deve ser tornada pública pelos frutos que produzimos em nossa vida, e que partilhamos como instrumento de comunhão com o mundo. A plenitude de vida exige a integração de todas as camadas da humanidade, para que possamos atingir o mais recôndito do nosso ser e de nossas culturas.

#### 3.2. Os novos viveiros para futuros evangelizadores

A nutrição e o cultivo dos elementos essenciais de uma cultura libertadora é a nova matriz, e o viveiro para replantar o Jardim do Paraíso. A reafirmação da bondade do dom de Deus implantado na alma humana é a novidade de nossa modificação genética interior. É esta confirmação do Espírito vivo em nós que nos permite superar o sorvedouro de desolação, da dessacralização e da destruição em nosso mundo. O mundo desgarrado pelas guerras e a violência, a pobreza que desumaniza, e o consumismo que assola a alma, paradoxalmente, podem vir a ser as entranhas que recriem o coração humano e a alma da humanidade, e que sanem a loucura e a profanação da natureza e do meio ambiente. Muitos concordam em afirmar que a mudança climática, evidente em nosso mundo, tem muito a ver com as desordens de nossa ecologia humana. Somente será possível estancar a cultura de morte e seus mestres em mistificações destrutivas, por um novo poder que consagrará o homem e toda a família humana ao Único Criador da humanidade.

## I – O conflito interno na cultura e as manifestações externas de injustiças

O compromisso pela cultura e a justiça tem também como objeto a exigência da preservação do meio ambiente. Não podemos apartar a cultura da vida da cultura da morte, nem o valor da justiça da realidade das injustiças imperantes no mundo. É um diálogo entre a ecologia interior que nos alimenta e a realidade exterior que nos plasma. O ponto de encontro destas duas dimensões da vida deve ter sua meta comum no destino da humanidade e da criação. A cultura que se vem desenvolvendo através das evoluções históricas e generacionais se refere ao processo de transformação interior. É este processo interior de revelação cultural que nos serve de impulso para o processo exterior da transmissão das manifestações duradouras segundo o eterno mandato do Criador, como missão da humanidade no mundo...

A globalização, que homogeneiza o mundo, ao mesmo tempo o fragmenta. Sou de parecer que nossa missão evangelizadora deve fazer face às consequências de uma fragmentação interior, onde a pessoa reorganiza e constroi novas identidades para resistir aos avatares da globalização, onde os “novos pobres”, e nós com eles, temos de reconstruir a vida e sanar nossas memórias. Nossa missão evangelizadora consiste em um processo de reconciliação para restaurar a dignidade humana, e sanar a sociedade alquebrada. Trata-se de dizer a verdade, buscar a justiça e originar uma nova visão moral. É a reconciliação que tem de guiar-nos no Século XXI. Este é o único caminho para “derrubar o muro da inimizade que nos divide”.<sup>1</sup>

Ninguém pode negar que as crescentes desigualdades econômicas constituem uma ameaça à segurança global para aqueles que têm a incumbência de manter viva a confiança das pessoas nas instituições internacionais tanto políticas como econômicas. Hoje os males do mundo e a luta contra a pobreza e as injustiças é mais difícil de levar a bom termo pela intrincada conexão entre o processo de liberalização e privatização inerente ao processo de globalização e à transformação interior das pessoas. A tendência ao neoliberalismo, à “Democratização Política” e à “Liberalização Econômica”, apresenta uma limitada perspectiva de vida, porque os homens não mais foram capazes de fazer uma distinção entre a vida baseada nas Verdades e o que é puro e simples raciocinamento e dedução lógica. Nos últimos cinco séculos sempre mais começamos a acreditar nas experiências do estado moderno. Assistimos à evolução gradual como Nações e Estados do Feudalismo, Capitalismo Mercantil, Colonialismo, diversas formas do Socialismo, para chegar ao presente Neoliberalismo. Muitos ainda insistem que uma Nova Ordem Mundial sem Deus seja possível como o modelo para o século XXI.

Sem entrar em detalhes, me parece óbvio que as várias formas de globalização econômica e cultural têm como premissas aquilo que eu denomino de “Paradigma Mecânico-Dualístico”. A Era da Razão e do Iluminismo Científico restaurou a confiança das pessoas da era moderna que o racionalismo científico e o avanço tecnológico são as melhores soluções para os problemas mundiais. Com a ajuda de suas políticas e programas centralizados, os líderes políticos, em nível nacional e internacional, têm criado estruturas de progresso e desenvolvimento, que alguns classificam como “mitos de crescimento ilimitado” e de “conservação do superdesenvolvimento”. Com seus mecanismos para estabelecer uma nova ordem em nível estatal, suas redes de alianças entre as grandes potências, seus arsenais de armas sofisticadas e seu poderio financeiro, pretendem

---

<sup>1</sup> Ef 2, 14.

proporcionar “um ambiente seguro e democrático”, que facilitará a erradicação da pobreza e as desigualdades em todos os níveis da sociedade.

### **1.1. Nossos temores pelo futuro da humanidade**

A perspectiva racional e científica fundamentada no paradigma mecânico-dualista, hoje se converteu na ideologia dominante para o bem-estar econômico e a gestão de sociedades. Ela se baseia no pressuposto de que, dando livre curso à criação e à distribuição das riquezas, cedo ou tarde se estabelecerá um equilíbrio entre ricos e pobres, impulsionando necessariamente o progresso e o nivelamento da sociedade, malgrado algumas bolsas residuais de pobreza, de que o Estado, a ação caritativa e a assistência social se deverão encarregar. Mas esta perspectiva não tem em conta outras dimensões da vida social, tão importantes, tais como a necessidade de defender a dignidade do trabalho, coibir o trabalho desumanizador, preservar os recursos naturais para as gerações vindouras e defender a dignidade e direitos dos indivíduos e das comunidades contra a difusão gradual dos valores contrários a nossas tradições e a nosso patrimônio cultural, especialmente aqueles que promovem os aspectos materiais da vida às expensas de nosso sentido inato do sagrado e da transcendência.

Torna-se cada vez mais evidente que o conluio entre os poderes políticos de governos, os responsáveis pelas decisões econômicas e os magnatas da mídia criam um sistema bem organizado de desinformação e de gestão da imagem. Somos testemunhas de um eclipse gradual dos conceitos de verdade, de justiça e de liberdade. As pessoas não são mais capazes de distinguir o certo do errado, a verdade da mentira. Através dos meios de comunicação e da Internet, são bombardeadas com informação e opiniões divergentes, e poucos chegam a entender o que realmente está acontecendo. Resulta disto o surgimento de certo relativismo ético. As pessoas acabam acreditando que a maioria sempre tem razão. Baseia-se na falsa noção de que a participação democrática garante necessariamente o correto, o justo, o honesto... mesmo que normas universais e éticas sejam ignoradas. A corrupção da sociedade em todas as suas formas é aceita como um estilo de vida.

### **1.2. O agravamento da crise da civilização**

Estamos muito conscientes de que, neste mundo dividido e fragmentado, a hierarquia da Igreja, as pessoas consagradas e todo o povo de Deus têm a responsabilidade de promover o valor inalienável, a própria essência do sentido da vida. A única alternativa possível à cultura da morte, da alienação e da destruição, é a cultura da vida. A vida em Deus, na qual cremos, se baseia no amor, e essa busca de Deus deve expressar-se em e através de nossa vida. Não é suficiente adorar a Deus em nossas igrejas e estudar as sagradas Escrituras. Deus não pode ser conservado como relíquia em nossos locais de culto e enaltecido nos Livros Sagrados. Devemos entender que a violação da dignidade humana e dos direitos dos indivíduos, e às vezes de comunidades inteiras, é uma consequência da negação de Deus na sociedade de hoje. Isto se traduz nos conflitos ideológicos e religiosos, o terrorismo, formas patológicas de políticas migratórias, discriminações étnicas ou genocídios, violência racial, tráfico de seres humanos, escassez de alimentos, violência doméstica, abusos e assédios nos locais de trabalho, violência nos estádios, agressões cibernéticas, os seqüestros, cárceres privados e as guerras

Essas violências, patentes ou latentes, abrem as portas aos preconceitos, à intolerância, sempre de emboscada no coração humano. Em consequência da fragmentação de nosso ser interior, pouco a pouco nos tornamos insensíveis ao sofrimento humano, deixando que se incremen-



tem regimes opressivos em nosso derredor. A crescente intensidade do sofrimento humano e as violações flagrantes dos direitos humanos são o resultado da ideia errônea segundo a qual a violência é normal e inevitável. Temos de identificar esses mecanismos em cada uma das diferentes culturas e religiões. O fato de que a pena de morte vigora em vários países da Ásia é a demonstração de que a vida humana pode ser sacrificada em favor do bem comum.

Poucas pessoas estão dispostas a examinar mais de perto as condições socioeconômicas e culturais que sistematicamente instam os jovens a competir constantemente e a consumir de forma exasperada e insaciável. Neste mundo globalizado, sem fronteiras, parece que avançamos rumo a uma nova era de “tribalismo e excessivo etnocentrismo” que nos tornam incapazes de compreender as verdades universais. Eis por que é importante que nos conscientizemos de nossas debilidades internas como indivíduos, como comunidades e como nações. Se reconhecermos os monstros que levamos dentro de nós, poderemos aprender como enjaulá-los para os domesticar. Quanto mais nos dermos conta do que somos individual e coletivamente, tanto mais seremos capazes de nos controlarmos.

### 1.3. A visão alternativa da vida para o século XXI

Nosso futuro, em grande parte, depende da definição de uma nova perspectiva para a humanidade, uma perspectiva ao mesmo tempo global e ecológica que concerne a cada pessoa, a todas as pessoas e a toda a criação. A tarefa de estabelecer uma nova ordem mundial não pode ignorar a moralidade e a espiritualidade. Precisamos de uma perspectiva moral.

Em nossos confrontos baseados na razão, o *Logos* (a Lei) tem de ser mantido na mente e o *Ethos* (Espírito) no coração, para discernir novas oportunidades na área de nossas atuais realidades e no contexto dos tempos de mudança. O mundo de hoje tem a urgente necessidade de uma nova perspectiva moral e de uma autoridade mundial inspirada na ética e na fé. No passado recente, tivemos oportunidade de ouvir vozes assim no ermo, que tiveram a coragem de denunciar as tragédias e as transgressões, tanto em nível local como mundial. Os grandes problemas de hoje estão a exigir uma moral pessoal e social. Hoje carecemos de autoridade moral, inspirada pela fé e capaz de adotar uma posição clara sobre questões como a ocupação da Palestina, do Iraque ou do Tibete, os organismos geneticamente modificados ou aquecimento global.

Em resumo, uma autoridade moral para guiar a humanidade hoje. As religiões estão demasiadamente divididas e excessivamente centralizadas em seus assuntos internos, para poder oferecer esperança. Enquanto um grupo de tecnocratas e peritos em gestão estão trabalhando para administrar o processo de globalização, faltam poetas e profetas capazes de apresentar à humanidade outro modelo suscetível de trazer justiça e paz. Nós temos de desempenhar um papel urgente e essencial como catalisadores da sociedade civil, para reunir as comunidades que se baseiam na fé.

Neste teor, o apelo de retornar a um *ethos* centralizado nos valores e atitudes que se depreendem das características do nosso patrimônio espiritual e das práticas culturais do passado, expressadas através de iniciativas criativas. Surge a necessidade de uma grande figura com ascendência moral. Com certeza, a cultura atual produz novos profetas no deserto, nas cidades e nas praças públicas. Nesses novos *areópagos* denunciam as novas formas de alienação e a proliferação de novos pobres, inclusive nos países ricos, fenômenos que devem interpelar a todas as pessoas de boa vontade.

#### 1.4. Um *ethos* transformador, aberto a todas as pessoas

As religiões e os líderes religiosos são desafiados a retornar aos elementos fundamentais e essenciais de nossas religiões, renunciando a seu papel de preservadores e defensores, para se converterem em agentes holísticos de transformação global. Não devemos ter medo de parar por algum tempo para refletir. Ainda que as queimadas já estejam arrasando o quintal, não é este o momento de ir ingenuamente em busca de soluções em nossos santuários ou no ciberespaço: é imprescindível entrar em diálogo com o mundo interior das pessoas que sofrem ataques e a violência indiscriminada e cega das forças de morte: a pobreza, a desnutrição, a falta de uma estrutura de atendimentos médicos... que afetam as vidas de milhões de pessoas em todo o mundo. Conversar com as pessoas desta geração acostumadas a serem controladas de fora, requer um novo enfoque que poderia perturbar sua vida interior. Para isto, temos de abandonar a linguagem elaborada por nossas cátedras institucionais e nosso ativismo institucional imprudente em todo tipo de serviços. Como podemos chegar a ser pessoas e comunidades transformadoras?

#### 1.5. Iniciar pela introspecção para uma renovação das religiões

O teólogo católico Hans Küng disse certa vez: “A paz mundial é possível quando existe um diálogo entre as nações. O diálogo entre as nações é possível quando existe um diálogo entre as religiões. O diálogo entre religiões é possível quando as religiões começam a dialogar sobre suas respectivas bases”.<sup>2</sup>

Durante séculos, as instituições religiosas organizadas têm-se imbuído de normas, valores e processos do paradigma da mecânica dualista. Mecânica, porque se admite hipoteticamente que seguindo a razão, a lógica e até mesmo a fé cega, obtemos os resultados desejados. Dualista, porque introduz uma separação entre fé e vida, entre Deus e os homens. A religião é vista de maneira unilateral, privilegiando a exterioridade e a aparência sobre a interioridade e o mistério. Tudo deve receber uma explicação lógica, e tudo se inscreve nos dogmas e nas doutrinas. Temos desejado educar os fiéis sobre a vida, em lugar de ajudar-lhes a aprender a refletir sobre suas vidas e experiências. Esse retorno aos princípios essenciais de nossa religião, portanto, implica um enfoque participativo destinado a ensinar-lhes a vislumbrar a obra silenciosa de Deus na vida dos indivíduos e das comunidades, inculcando neles uma mudança radical. Todos temos de escutar nossa história, para entender de onde viemos e para onde devemos ir.

Quando foi fundada a Federação das Conferências Episcopais da Ásia (FABC), o Cardeal Stephen Kim, da Coréia, um profeta da verdade e da justiça originária da Ásia, expôs esta questão crucial: “Como Igreja da Ásia, temos de perguntar-nos, como temos sido influenciados pelos caminhos do mundo, ou se o Evangelho de Jesus realmente tem modificado nossas vidas. Sim, também é preciso ter em conta a influência do mundo, quando examinamos do interior nossa vida de pessoas consagradas, para definir de forma nova e criativa, o caminho a seguir.

#### 1.6. Os novos viveiros interculturais e interreligiosos

A transformação das culturas e a promoção da justiça não se obtêm de uma fé cega nos meios do mundo pós-modernos. Precisamos de novos viveiros para semear as sementes de um caminho espiritual de plenitude interior ecoespiritual. Precisamos de uma nova ecologia para a difusão da verdade, da justiça, da liberdade e do amor nos novos entornos. Trata-se de uma

---

<sup>2</sup> KÜNK, Hans, *Cristinanity: Essence, History and Future*. Continuum International Publishing Group, 1996.

renovação a partir de dentro, para que depois, através de um processo autoinduzido se alimente das águas de vida e da luz de Deus. Esse processo será capaz de influir paulatinamente no pensamento, na reflexão, nos critérios de ajuizamento, nas maneiras de comportamento e na participação na sociedade. Deve impregnar o *ethos* universal, que assim se converte em uma força transformadora arraigada em nossa cultura e em nossas tradições religiosas. Para ativar todas as camadas da sociedade, devemos avançar rumo à periferia e iniciar o processo que conduzirá a uma nova ecologia humana.

Nós, como Igreja e como pessoas consagradas, temos procurado realizar o milagre da “bilocação”, através de uma permanente ida e volta entre a Igreja e a Vida Consagrada e nosso ministério pastoral. Como realizar o processo de “deslocamento”? Foi-nos dito que: “O monge não é alguém que vive em um mosteiro, mas alguém que leva um mosteiro dentro de si”. Como ser Igreja no Reino de Deus e pessoas consagradas em uma nova humanidade de Deus? Nossa tarefa não é apenas estar presente no mundo, mas levar o rosto de Jesus, como presença de Deus, nos novos âmbitos que o Povo de Deus cultiva no mundo. Devemos levar para ali as sementes do Evangelho, e semeá-las em novos viveiros que alimentarão a esperança da humanidade do Século XXI.

### **1.7. Encontros entre as religiões que testemunham a reciprocidade (solidariedade, mutualidade)**

Este processo de transformação da humanidade a partir de dentro pede que crescamos em nossa vida relacional. Como discípulos de Jesus somos chamados a nos associarmos com todos os membros do Povo de Deus com quem caminhamos para encontrar o rosto oculto de Deus em toda parte e em cada momento. Ansiamos firmemente fazer parte de todas as pessoas e que elas se unam a nós para a vinda do Reino, e o novo céu e uma nova terra. Não se trata apenas de trabalhar juntos, mas nos abrimos a novas amizades que extrapolam nossos pequenos círculos, porque o Reino de Deus é mais amplo que a vida consagrada, inclusive que toda Igreja. Ao estarmos próximos de pessoas de outras culturas e religiões, e ao sermos cada vez mais companheiros de viagem, podemos escutar juntos a voz de Deus que nos convida a caminhar de mãos dadas rumo ao Reino de Deus.

Necessitamos de novos locais de encontro onde partilhar nossa experiência religiosa, para descobrir os novos rostos de Deus e a voz de Deus entre nós. À medida em que crescerem nossa confiança e nossa fé nos dons que temos recebido e que compartilhamos, vamos estar mais dispostos a escrutinar criticamente nosso passado e a medir nossa distância respectivamente às formas da cultura da morte, que se ocultam em nossas instituições e em nossos programas. Para esta escuta atenta nos daremos conta da necessidade que temos para nos inculturar: quando damos o melhor de nós mesmos, recebemos em troca o melhor de outros povos e de outras culturas. Mas, para isto é preciso promover ativamente a “exculturação” para identificar os elementos de nossa cultura pessoal, familiar, religiosa, social...contrários ao bem comum, e erradicá-los de nossas vidas. Alguns de nós pensamos que isto poderia nivelar o caminho para um processo de inculturação completa: com cultivos purificados, podemos participar em um encontro profundo e caminhar juntos em vista do Reino de Deus.

Assim, nossa reflexão sobre a cultura e a justiça no mundo de hoje indica claramente a necessidade de discernir as raízes da cultura de morte e promover os elementos da cultura de vida presentes em nossos povos. Este processo interno se acompanha de novas formas de trabalhar para eliminar a injustiça e promover a verdade e a justiça que subjazem na cultura da vida.

Portanto, é essencial que trabalhemos para libertar as culturas das forças de morte que contêm, para fomentar em cada pessoa o surgimento de uma nova consciência.

## II – Refocalizar a Vida Consagrada no Século XXI

### Introdução

Para refocalizar a Vida Religiosa, devemos ter em mente a declaração no Decreto *Perfectæ Caritatis* (n. 2) sobre a renovação da Vida Consagrada, através de um retorno às fontes da vida cristã e ao espírito das origens de nossos Institutos, e sua adaptação aos nossos tempos. Para que essa renovação, guiada pela inspiração do Divino Espírito Santo e sob a direção da Igreja, seja eficaz, devemos conformar-nos às seguintes normas:

- a) O seguimento de Cristo proposto no Evangelho, norma última da vida consagrada, seja para todos os Institutos a regra suprema.
- b) Redunda em benefício da Igreja que os Institutos tenham índole e função próprias. Sejam, pois, fielmente conhecidos e observados o espírito e as intenções específicas dos Fundadores, como também as suas tradições. Tudo isso constitui o patrimônio de cada Instituto.
- c) Participem todos os Institutos da vida da Igreja, façam suas e favoreçam quanto puderem, conforme a índole que lhes é própria, as iniciativas e as intenções da Igreja como, por exemplo, em matéria bíblica, litúrgica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e social.
- d) Os Institutos promovam em seus membros informação adequada a respeito do devido conhecimento dos povos das épocas, bem como a respeito das necessidades da Igreja, de maneira que possam julgar, com sabedoria e à luz da fé, as circunstâncias do mundo de nosso tempo e, cheios de zelo apostólico, possam ajudar mais eficazmente às pessoas.
- e) Uma vez que a vida religiosa, antes de tudo, se orienta no sentido de seus membros seguirem a Cristo e se unirem a Deus pela profissão dos conselhos evangélicos, dever-se-á pesar com seriedade o fato de a melhor atualização às necessidades do tempo não surtir efeito, a não ser que venha animada por uma renovação espiritual à qual se deve dar sempre a primazia, inclusive quando se tratar de promover obras externas.<sup>3</sup>

### 1. A conversão a uma perspectiva, missão e comunhão fundantes, através de um estilo de vida meditativo

Qualquer reflexão sobre a vida deve iniciar juntando Palavra e mundo. Esta unidade intrínseca se expressa mediante o culto como celebração e testemunho, como amizade com Deus e com os homens. Primeiramente, temos de compreender as raízes e a essência da criação no Antigo Testamento, para depois podermos cumprir nossa missão da recriação dos novos céus e da nova terra. No Gênesis lemos que Deus, vendo o homem, considerou-o o ponto culminante da obra da criação, e disse que era muito bom. Mas, ironicamente, pouco depois começamos a duvidar se o homem era mesmo bom intrinsecamente, já que a aspiração de Adão e Eva a serem

---

<sup>3</sup> *Perfectæ Caritatis*, 2, Vaticano II.

livres e autossuficientes, os afastou de Deus. Sua incapacidade para captar o significado oculto da essência da vida, os impulsionou a viver uma existência desmembrada da Palavra de Deus. Incapazes de compreender o mistério oculto do plano de Deus, chegaram a duvidar da importância dele em suas vidas. Tiveram à disposição todos os bens materiais, mas não chegaram a relacioná-los com sua identidade interior arraigada na intenção original de Deus para fazer de sua vida uma jornada emanada do mistério de Deus.

Enquanto não entender o verdadeiro significado da criação, a humanidade não chegará a compreender seu destino. Ignorando a verdadeira natureza de nossa identidade interior, perdemos a bússola, e nossa vida se converte em uma viagem de aventuras. Caminhamos sem rumo, ansiando pela liberdade e a verdade, mas privados da sabedoria que brota das inspirações da voz interior de Deus. Ao não vermos a importância de Deus em nossas vidas, nos fartamos de coisas materiais (materialismo), de um ego soberbo (egoísmo), imbuídos de nossa importância (individualismo), como companheiros que nos julgamos indispensáveis. Sem Deus, caminhamos em trevas e nos becos escuros de nossas cidades iluminadas com lâmpadas de gás neônio. Somos reticentes para despertar dos pesadelos que nós mesmos nos criamos e que vêm do recusar o Deus de amor que Jesus pegou a todas as nações. O amor de Deus por nós é fundamental para nossa vida, e é este amor que suscita em nós importantes questões sobre saber quem é Deus e quem somos nós.

Durante séculos, todas as nações têm proclamado a importância de Deus na vida humana. Hoje, porém, o secularismo pretende fazer-nos crer que podemos criar um novo mundo sem transcendência, sem entender que negando a Deus, viveremos em um mundo vazio, onde a tendência ao material, ao efêmero, ao errático, ao exótico parece inevitável. Quando consideramos a história do mistério de Deus que vive na história humana, descobrimos que a importância dada a Deus vai de mãos dadas com o respeito pela vida. A frequência dos conflitos, a violência e as guerras em nome de Deus ao longo da história humana nos dão uma ideia do Deus que herdamos e que transmitimos a cada geração de jovens. No geral, o que nos transmitem, são expressões e práticas externas do patrimônio religioso, como um dom precioso de que os corações dos homens devem alimentar-se, e de cujo espírito devem compenetrar-se.

A religião com sua retórica, suas normas, rituais... se tem centrado mais em conservar-se do que em ser a encarnação de Deus. Uma religião exterior, despojada de seu mistério e de sua energia vital interior se torna insignificante e, inclusive, perigosa. Deus, que doou ao ser humano a dignidade e os direitos juntamente com a vida, e que presenteou a harmonia ao mundo, tem sido afastado. As leis de Deus, inscritas em nossa natureza, em nossa forma de alimentar-se, em nossas manifestações culturais e nas estruturas da sociedade, são substituídas por novos ídolos e ícones. Jesus nos disse: “ *Por mais que escuteis, não entenderéis; por mais que olheis, nada vereis. Pois o coração deste povo se endureceu, e eles ouviram com o ouvido indisposto. Fecharam os olhos, para não verem com os olhos, para não ouvirem com os ouvidos, nem entenderem com o coração, nem se converterem para que eu os pudesse curar*” (Mt 13, 15). Estamos perdendo nossa sensibilidade pelos outros, o próximo e o mundo.

Com a perda de nossa perspectiva de vida, perdemos também nossa orientação de vida. Troçamos, caímos, estamos sujeitos à fragmentação interior como pessoas que crêem, e as pessoas de outras religiões se distanciam umas das outras. Nossas divisões são a consequência da nossa visão dividida. O mundo de hoje tem necessidade de uma visão de fé. A retina interna da sensibilidade de Deus e a luz da tragédia humana nos ajudam a nos vermos como somos, quem somos na realidade, a ir aonde Deus nos chama. Esta tomada de consciência de Deus brota

de nossa capacidade de ver todas as coisas com os olhos de Deus, a examinar nossa vida à luz do plano de Deus para o mundo e a considerar tudo que ocorre no mundo como um caminho rumo ao Reino do Pai. Tememos perder nossa identidade exterior que, muitas vezes, busca a uniformidade em nome da conformidade. Contudo, o que conta não é a uniformidade nas coisas externas e no cumprimento das normas comumente aceitas, mas a docilidade ao Espírito que guia aos que estão dispostos a ser um com Deus, por sua total submissão aos pensamentos e desígnios de Deus.

Sabemos que a essência da Vida Consagrada é a conformação da vida com a de Jesus de Nazaré. Sua entrega total à vontade do Pai e a seu Reino, foi a verdade do seu ser, e o caminho que Ele indicou é o do amor. Estes são também os alicerces de uma nova vida, os pilares dos novos céus e da nova terra. Devemos promover uma nova cultura orgânica, fonte de vida e de unidade para o desenvolvimento de uma nova ecologia humana. Numa civilização baseada em uma mecânica dualista, como podem os consagrados e as consagradas, ser sal e fermento? A renovação da vida consagrada, como perfeição do amor de Jesus, não consiste em atribuir-lhe uma nova marca ou uma nova embalagem, mas em dar-lhe um novo significado mediante um enfoque relacional para responder à própria essência do desejo de Jesus: “Que todos sejam um como tu, Pai, estás em mim e eu em ti”. Esse desejo de união com o Pai e a unidade entre seus amigos que implica, parecem ser a energia vital que faz germinar e crescer as sementes no viveiro do coração humano. Somos chamados a renovar a vida consagrada, convertendo-nos em profetas da harmonia relacional. Mas, para corrigir o processo de formação da vida, necessitamos de um “estilo de vida meditativo”.

## **2. A voz interior do Pai como compromisso**

A Vida Consagrada excede a consagração de si mesmo e deve converter-se em memória viva de Jesus. As palavras de Jesus na Consagração da missa: “Fazei isto em minha memória” não se referem apenas à transubstanciação do pão e do vinho, mas a toda a vida de Jesus, a seu nascimento, ao batismo, aos seus ensinamentos, às suas obras, ao seu sofrimento e morte. Toda sua vida é uma memória que somos chamados a vivenciar plenamente, e não uma memória seletiva! A consagração de Jesus em seu batismo marcou o início de seu compromisso com o Pai, cuja voz se fez ouvir com clareza: “Este é meu Filho bem-amado”. Esse compromisso iniciou com uma escuta interior no deserto que o levou a rebater a tentação para a fama, o poder e a riqueza material, dispondo-o assim a consagrar todo o seu ser à vontade do Pai e a seu Reino.

Este encontro contemplativo entre o rebater das ofertas de Satanás e a adesão ao desígnio do Pai dispôs Jesus a ler a passagem de Isaías (*Lc 4*) e a proclamar em alta voz: contemplando minha vida e a Palavra de Deus atrevo-me a aceitar a missão de compaixão tão intimamente relacionada com minha missão para com o Pai. A compaixão de Jesus, selo distintivo de seu ministério, foi questionada pelos líderes religiosos de seu tempo para quem o caminho da salvação passava pela lei, as normas, a retórica, os direitos, as práticas religiosas. Jesus tem uma contraposta, que consiste renascer no Espírito de amor do Pai. A vida inteira de Jesus consistiu em encarnar o Espírito de amor do Pai e na harmonia de seus relacionamentos com os homens.

A verdadeira missão para a chegada do Reino somente pôde advir de um estilo de vida meditativo. Nosso compromisso pelo Reino também é um caminho que vai desde o mundo exterior ao mundo interior. Nossa visão do mundo que nos cerca deve passar por uma forma de meditação da vida, inspirada na Palavra de Deus e que se faz eco das vozes que nos rodeiam. A Vida Consagrada também nasce desta forma meditativa que consiste em interpretar as palavras

da consagração de Jesus, que nos tornam Corpo Eucarístico de Cristo. “Fazei isto em minha memória” não é somente uma comemoração do que ocorreu em torno da mesa da Última Ceia; é também o ápice da vida totalmente entregue e submissa à vontade do Pai. A Vida Consagrada é o caminho da verdade vivenciada no amor. A essência dos conselhos evangélicos é o compromisso de toda a vida de Jesus, tornando-o presente no mundo de hoje. Receber o Corpo e o Sangue de Jesus, é receber também seus pensamentos mais íntimos, e enraizarmo-nos nEle e nos caminhos do Pai. Participamos na vida de Jesus não só por nossa participação física, mas assumindo plenamente o Espírito de Jesus. Esta participação somente é possível se nos despojarmos de nós mesmos, para embeber-nos do ser do próprio Jesus, desfazendo-nos de tudo o que impede essa união. Para isto, devemos primeiramente identificar aquilo que impede essa união.

Na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja, assevera-se que a separação artificial entre fé e vida é hoje uma das mais graves desordens. Produz uma ruptura que faz de nós já não um sinal de comunhão, mas sim um sinal de contradição para as pessoas. Quando houver uma separação entre o que é interior e o que é exterior, entre alma e corpo, as diferentes partes do nosso ser se tornam estranhas entre si. E então nos convertemos em instituições sem vida, puramente funcionais e utilitárias. Ao nos convertermos em um corpo sem vida, perdemos a capacidade de dar vida, que é o resultado da íntima relação entre o mundo, a Palavra e a adoração.

### **3. A consagração é revigorada pelos nossos encontros e relacionamentos**

No contexto do diálogo entre Deus e os homens, a história de Caim e Abel revela que o distanciamento de nosso estado original da bondade de Deus nos conduz a uma vida sem relacionamentos. Quando cedemos à presunção de acreditar que Deus não é importante em nossa vida, às vezes nos perguntamos com arrogância: “*Acaso sou eu o guarda de meu irmão?*” (Gn 4, 9). Ao negarmos a reconhecer a presença de Deus em nós, viramos as costas ao relacionamento com Deus e, portanto, à verdade de Deus e ao amor ao próximo. A união com nosso próximo, nossa família, a sociedade e a humanidade como um todo, pouco a pouco vai perdendo importância para nós.

Quando a verdade, que é Deus, se encontra com o amor prodigalizado por Deus no coração humano, é possível expressar a dimensão pessoal e pública de nossa fé. Verdade e amor são indissociáveis como dimensões intrínsecas de nossa fé cristã, como nos lembra nosso papa Bento XVI: “Por esta íntima relação com a verdade, pode-se reconhecer a caridade como expressão autêntica de humanidade e como elemento de fundamental importância nos relacionamentos humanos, inclusive de caráter público. *A caridade somente resplandece e pode ser vivenciada autenticamente na verdade.* A verdade é luz que dá sentido e valor à caridade. Esta luz é simultaneamente a da razão e a da fé, por meio da qual a inteligência chega à verdade natural e sobrenatural da caridade, percebendo seu significado de entrega, acolhida e comunhão. Sem verdade, a caridade cai em mero sentimentalismo. O amor converte-se em um envoltório vazio que se reche arbitrariamente. Este é o risco fatal do amor em uma cultura sem verdade. É presa fácil das emoções e das opiniões contingentes dos sujeitos, uma palavra da fé de que se abusa e que se distorce, terminando por significar o contrário. A verdade liberta a caridade da estreiteza de uma emotividade que a priva de conteúdos relacionais e sociais, bem como de um fideísmo que mutila seu horizonte humano e universal. Na verdade, a caridade reflete a dimensão pessoal, e ao

mesmo tempo pública da fé no Deus bíblico, que é ao mesmo tempo “*Ágape*” e “*Logos*”: Caridade e Verdade, Amor e Palavra”<sup>4</sup>

E acrescenta: “Quando o Estado promove, ensina ou, inclusive impõe formas de ateísmo prático, priva seus cidadãos da força moral e espiritual indispensável para se comprometerem no desenvolvimento humano integral e os impede a avançarem com renovado dinamismo em seu compromisso em prol de uma resposta humana mais generosa ao amor divino”.<sup>5</sup> Qual é, então, o papel da Vida Consagrada, em união com a Santíssima Trindade, em um mundo roto, dividido por conflitos internos e externos? Um mundo repleto de materialismo e de secularismo, que alienam as pessoas fazendo com que percam de vista sua identidade própria e, portanto, seu destino final?

#### **4. A Vida Consagrada como antídoto para a pandemia da humanidade**

A crise da humanidade está ligada à nossa incapacidade de compreender as causas profundas do conflito entre a cultura de vida e a cultura de morte. Ao aderir à perversa ideia de um eu livre sem Deus, as pessoas hoje fazem a trágica experiência do eclipse gradual do sentido de Deus e a pessoa humana, característica de um clima social e cultural dominado pelo secularismo, para o qual a salvação depende exclusivamente da razão humana e do conhecimento. É fácil deixar-se contaminar por esse clima que nos precipita em um círculo vicioso: “Perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do homem, de sua dignidade e de sua vida. Por sua vez, a violação sistemática da lei moral, especialmente na grave área do respeito à vida humana e sua dignidade, produz uma espécie de ofuscação progressiva da capacidade de perceber a presença vivificante e salvadora de Deus”.<sup>6</sup> Esta radicalidade do Evangelho, vivenciada novamente na Vida Consagrada, pode representar um caminho de esperança para toda a humanidade. Radicalidade não significa superioridade, mas bem mais unicidade de Deus e universalidade da humanidade em um mundo globalizado e fragmentado. A Vida Consagrada pode ajudar os homens a recuperar o sentido de Deus e do sagrado, se somente estivermos dispostos a comunicarlhes uma espiritualidade transformadora, baseada na obediência evangélica, a pobreza e a castidade.

#### **5. A obediência evangélica na comunhão como submissão total na humildade**

Num mundo em que as estruturas de governo não são favoráveis à promoção da verdade e da justiça, é necessário redescobrir o sentido da obediência através de uma renovação pessoal, comunitária e institucional da Vida Consagrada. Estamos conscientes de que a tarefa de restaurar o ato de suprema bondade de Deus no momento da criação abriu para a humanidade o caminho para o advento de um novo céu e de uma nova terra. Ainda que sejam duas entidades diferentes, o novo céu e a nova terra, eles são uma e a mesma realidade. Seu denominador comum é o processo de submissão total à vontade do Pai. Não somente a obediência à lei, assim como é apresentada nas Escrituras, mas a docilidade e a submissão à presença transcendente no mais recôndito do espírito humano. A obediência cria as condições necessárias para que possamos dizer com humildade: “Não como eu quero, mas com tu queres”. Não podemos separar o “Venha a nós o vosso Reino” do “assim na terra como no céu”. A obediência ao Espírito de Deus é o que dissolve o orgulho e a arrogância do *statu quo ante* e recria a humildade. Não podemos dizer *sim* à poderosa minoria que faz do *statu quo ante* um estilo de vida, e permanecer indiferentes à mai-

<sup>4</sup> BENTO XVI, Papa, *Caritas in Veritate*, n° 3.

<sup>5</sup> Ibid. n° 29.

<sup>6</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, n° 21.



oria sem os meios de subsistência mais elementares. O poder institucional e econômico não deve prevalecer sobre a dignidade inscrita na própria essência da alma humana. Ninguém pode privar os homens desse direito que Deus lhes deu.

A radicalidade de nossa obediência evangélica, como pessoas consagradas, nasce de nosso compromisso com um corpo que transforma a vida que, pela comunhão busca incorporar-se plena, e não só parcialmente, ao memorial do Corpo e Sangue de Jesus, posto em evidência por uma vida contracorrente, em nível pessoal e comunitário, tanto no público como no privado. A credibilidade de nossa união cria um novo foro que se opõe às contradições evidentes no mundo. Este foro mundial de indivíduos e comunidades é uma rede translocal de comunidades. Translocal, porque para levar a força evangelizadora até os confins de nosso mundo globalizado, se requer uma rede de corações e mentes. Em nossos novos círculos de diálogo, de discernimento e de descobertas, nos estamos preparando para iniciativas impregnadas da força do Espírito de Jesus, vivo hoje. Ao se porem atentamente à escuta das inspirações do coração livre de egoísmos e de individualismo, nossas comunidades aprendem a cultivar o respeito pelos outros. Pomos decididamente de lado nossos desejos pessoais, para viver outro nível de compromisso, buscando descobrir juntos a vontade do Pai para o bem de toda a humanidade. Prosseguimos firmemente com os olhos abertos sobre as realidades que secularizam e desumanizam, sabendo que hoje, a missão é proclamar o evangelho universal de Jesus a todos aqueles que ainda não ouviram falar do Deus de amor. Porque temos aprendido a arte de escutar uns aos outros como estranhos que se tornaram amigos de Jesus, nos tornamos mais sensíveis à voz daqueles que não podem falar de Deus e são demasiadamente fracos para protestar quando se os priva de sua dignidade e de seus direitos.

Em face da propagação do individualismo como um forma de vida no mundo atual, devemos resguardar-nos de formas de egoísmo institucional que, inclusive, podem assomar à competitividade desleal. A sociedade atual, fundamentada no paradigma da mecânica da utilidade, prioriza critérios práticos, numéricos e estatísticos para avaliar êxitos e benefícios. Temos a convicção de que, entre todos, devemos assumir as necessidades urgentes das pessoas do nosso tempo, através de um discernimento colegial e coletivo dentro da Igreja. Se a eficácia de nossa missão tivesse de ser avaliada em função da vitalidade das dimensões ocultas de comunhão e de unidade visíveis, garantidamente haveria menos reticência por parte de pessoas consagradas para se comprometer em esforços missionários, realmente comunitários. Temos de lutar contra a falta de comunicação entre os membros da Vida Consagrada em questões de dimensão mundial. Para que a Igreja chegue aos milhões de pessoas que necessitam de seus serviços, temos de criar canais criativos para a colaboração e a criação de redes entre nós.

Nos *Atos dos Apóstolos*<sup>7</sup> é relatado que Pedro e João, ao saírem do templo passaram por um mendigo, coxo de nascimento. O mendigo tinha todas as características dos pobres sem recursos: carência de bens materiais, isolado das pessoas, rejeitado, humilhado, com uma opinião ínfima sobre si próprio. É este o tipo de pobres aos quais, hoje, nós somos chamados a anunciar o poder de Jesus que trazemos dentro de nós. Pedro e João, vendo o homem nestas condições, descobriram uma nova maneira de restaurar a vontade do Pai na vida humana. Solidariedade é ajudar àqueles que são fracos e sem condições para restaurarem sua dignidade, dar-lhes a mão para que se ergam e proclamem em alta voz que Deus nos salva quando caminhamos juntos, de mãos dadas. Os fracos necessitam dos fortes; os ricos necessitam dos pobres.

---

<sup>7</sup> Atos dos Apóstolos, 3, 1-10.

A obediência a Deus nos leva a redescobrir nossas complementaridades como filhos de Deus à procura do Reino. Para isto temos de fazer calar nossas vozes locais, para escutar as vozes dos mais pequenos dentre nós que, precisamente, por serem privados e ficarem longe da cultura tecnológica, possuem tesouros culturais e espirituais para partilhar. Nós, especialistas da era da razão e da lógica, podemos aprender de sua profunda sabedoria, e transmiti-la à geração de hoje. Às vezes, é difícil a gente se pôr à escuta das pessoas que estão próximo de nós, especialmente das crianças e dos jovens, que podem perceber qualquer diferença entre nossas palavras e nossas vidas: “Deixai que as crianças venham a mim” pode ser considerado como um risco porque é mais fácil convencê-las por nossas palavras do que servir-lhes de exemplo com nossas vidas.

Inconscientemente, nós repulsamos as crianças e os jovens para a periferia de nossas vidas, para fora de nossos “círculos de audição” e de nossas tomadas de decisões. Discretamente, lhes estamos enviando a mensagem: “Ninguém é profeta em sua terra”, porque nos negamos a mudar este “país”. Nós os animamos a aceitar o *statu quo ante*, ou os mantemos ocupados durante grande parte do tempo em mudar o mundo através de suas obras. Ocorre o mesmo com nossos cooperadores na missão, que não só devem ser ouvidos, mas que também devem participar em nosso processo de discernimento em todos os níveis. Cada geração e cada cultura têm algo a oferecer para que a Vida Consagrada prossiga sendo importante. Esta importância depende de sua renovação para caminhar rumo ao futuro, enquanto o ser útil aponta para a perpetuação do presente. Este é o nosso desafio para o século XXI.

## **6. A pobreza evangélica como abnegação aos bens materiais através de vida simples**

A Vida Consagrada, como consagração espiritual a Deus e ao próximo inicia com um processo de abnegação aos bens materiais. Como levar a bom termo este processo de abnegação, porquanto a opulência se vem convertendo em estilo de vida e a pobreza em uma característica do mundo? A epidemia da riqueza que infectou a muitas partes do mundo, que se manifesta por atitudes obsessivas, invejosas, bem descritas na comédia estadunidense *The Joneses* seria o resultado das exigências de qualidade de vida do século XXI, como afirma *Oliver James* em seu livro *Affluence*. Ele chega à conclusão que fenômenos como o consumismo, a obsessão com a higiene e o conflito dos sexos variam em função de valores, crenças e tradições das sociedades. O que conduz inevitavelmente à conclusão de que tem um impacto direto em nossas vidas, é dizer que para preservar nossa saúde mental, devemos tratar de satisfazer nossas necessidades, em lugar de nossos desejos.

Vivemos nossa vida pessoal e institucional como pessoas consagradas no processo de globalização, em que o materialismo - dinheiro e consumismo -, e a expansão de nossos Institutos não apenas são apresentados como um estilo de vida, mas como uma condição para nossa sobrevivência neste mundo, sem a qual não poderíamos incrementar nossa missão. As economias orientadas para o mercado e o lucro nos querem fazer acreditar que as considerações monetárias e os recursos financeiros são determinantes para o futuro de nossa missão. Daí o drama das assim denominadas organizações caritativas de justiça, nos decênios de assistência ao desenvolvimento, que visavam a concretizar os objetivos de desenvolvimento do Milênio, apelando à ajuda financeira estrangeira e aos investimentos sociais das empresas. A sociedade tende a centralizar-se em questões políticas, econômicas e tecnológicas, deixando de lado o aspecto cultural. Vários anos após essas décadas de ajuda ao desenvolvimento, a brecha entre as nações, entre nações e continentes, continua existindo. É evidente que não seremos capazes de erradicar a pobreza material, se não atacarmos as causas que estão nas raízes da pobreza moral.

Para os consagrados, é importante reler a perícópe evangélica do jovem rico que perguntou a Jesus o que devia fazer para obter a vida eterna. Depois que o convidou a renunciar a toda a sua riqueza para segui-lo, Jesus viu o jovem se afastar, e ficou triste, olhando para ele. Para o jovem, a vida eterna seria a recompensa de uma vida vivenciada segundo a lei, ao passo que Jesus lhe oferece a oportunidade de experimentar o Reino de Deus através da renúncia voluntária e de uma vida simples, a serviço do próximo... *“Vende tudo o que tens, depois vem e segue-me!”* O jovem se retirou triste porque não se havia dado conta de que é possível encontrar a felicidade renunciando ao próprio ego, renunciando à posse de riquezas, para dispor do próprio tempo e da própria força. Não é necessário falar do cêntuplo que recebemos nesta vida, e que corresponde, assim acreditamos, ao Reino de Deus, que Jesus nos prometeu já nesta vida.

Em contraste com tudo isto, está a Boa Notícia das Bem-aventuranças, que nos diz que a opção para ser pobre, simples, humilde, puro... o sofrer pela justiça, são fonte de alegria para os discípulos de Jesus. A felicidade das bem-aventuranças não é aquela de que o mundo fala; é a felicidade que brota em nós quando culmina nossa aspiração profunda pelo bem, o que nos dispõe a fazer face aos sofrimentos e perseguições. A experiência do bem é a experiência de Deus em Jesus, que sente mais alegria em partilhar do que em acumular, e uma grande paz interior, sabendo que será perseguido por lutar em prol do que é justo. Hoje, muitas pessoas consagradas não se contentam com pegar simplesmente sua mochila e partir para o deserto da pobreza, mas que aprendem a viver com simplicidade e generosidade para partilhar com os outros o que Deus lhes deu. Sua primeira experiência do Reino de Deus, inspirada nas bem-aventuranças é uma pequena pérola que querem partilhar com os outros, de modo que depois possam trocá-la em sua vida de relação, por uma grande pérola no tempo de Deus. A pobreza evangélica não consiste apenas em partilhar nossos bens materiais, mas também caminhar com humildade e simplicidade com aqueles que não são capazes de experimentar plenamente o amor de Deus. *“Caminhando com”* é nossa forma de desvelo mútuo, fazendo juntos a experiência do Reino de Deus em amizade e alegria.

Nesta perspectiva, podemos compreender melhor as questões relacionadas com a pobreza mundial e com a injustiça. Uma vida vivida com simplicidade não consiste apenas em confrontar-se com as dificuldades. É também fomentar a generosidade de pessoas e instituições dentro de uma cultura livre de qualquer posse obsessiva. Quando vivemos na cultura do materialismo e do consumismo, esquecemo-nos de que a pobreza evangélica e a repartição dos bens também são uma fonte de alegria e de satisfação. A pobreza evangélica, unida à obsessão pelas posses institucionais, tem sido um dos principais obstáculos que impediram a vida consagrada a ir aos pobres e marginalizados, que são precisamente aqueles a quem é preciso anunciar a Boa-Nova.

Com o evidente aumento do número de anciãos na sociedade e em nossas congregações religiosas, é preciso optar entre responder a suas necessidades de saúde e de aposentadoria, ou investir na missão, sobretudo quando estão comprometidos nela nossos associados. Todo mundo sabe que muitas congregações que praticamente não têm mais membros deixam um imenso patrimônio. A pobreza evangélica não é economizar dinheiro para aplicação de recursos, mas para proporcionar uma educação integral aos jovens que continuam a missão que nos foi confiada. Lembremos a máxima: *“O amor ao dinheiro nos fecha os olhos diante dos pobres e nos torna incapazes de partilhar com eles”*. Daí a necessidade de nos comprometermos não somente na caridade, mas também na formação da verdade e da justiça.

## 7. A castidade evangélica como abertura ao próximo e à universalidade de Deus

Aqueles que viveram no século XIX, em sua quase generalidade foram educados em um ambiente monocultural, monoético e monorreligioso. Hoje, no início do século XXI, estamos vivendo em um mundo sem fronteiras. Em consequência das migrações têm-se multiplicado as famílias interétnicas e os casamentos mistos, e estamos começando a ver outras facetas da humanidade e a tomar consciência de nosso patrimônio espiritual comum.

Ao iniciar um diálogo com o mundo da diversidade e da universalidade, a vida consagrada se defronta com importantes questões humanitárias de nosso tempo, que requerem uma nova sensibilidade e uma transformação da consciência. Abrir-se ao próximo não significa apenas introduzir as pessoas em nossas construções teológicas e filosóficas, mas estar dispostos a ir aos novos epicentros que se mobilizam em favor do que é justo e bom na criação de alternativas. Nessa situação, podemos demonstrar àqueles que nos rodeiam que não há necessidade de seguir ingenuamente os movimentos de massas que ameaçam o mundo de hoje.

Nossa sensibilidade e capacidade de resposta a nosso Deus nos dão força para não sucumbir à sedução do interesse pessoal e das satisfações imediatas plasmadas pelas exigências individualistas e subjetivas do mundo moderno. Hoje, nossa disponibilidade é limitada pela importância concedida aos aspectos triviais de nossas vidas que nos parecem urgentes e importantes, para prosseguir fazendo o que fizemos no passado. Podemos iniciar a ser mais abertos e disponíveis às novas necessidades que nem sempre se encontram diante de nossa porta, e que exigem que exploremos novos territórios. Os grandes missionários dos últimos séculos partiram para longe; nós também devemos ir ao encontro daqueles que necessitam de nossa ajuda no campo do desenvolvimento humano e da promoção humana. Nossa disponibilidade não é nosso poder de controlar, mas nossa capacidade de influir em suas vidas e em seus ambientes.

Como dar um novo sentido à nossa disponibilidade total de pessoas consagradas segundo a inspiração do nosso Fundador, em comunhão e união, para o progresso da missão evangelizadora de Jesus? Como desprender-nos de nossa conceituação demasiadamente estreita da Vida Consagrada, de modo que possamos defrontar-nos com o potencial de cooperação e com todos os homens de boa vontade, impulsionados pelo desejo de restaurar a natureza segundo a inspiração divina, própria de toda a humanidade? A missão *ad gentes* tem sido considerada, sobretudo, em termos de expansão numérica e geográfica da Igreja, segundo o espírito dos construtores do império dos séculos XVII e XVIII. A missão *inter gentes* abre o caminho para a reconstrução do Reino de Deus, sem afastar-nos de Jesus Cristo, “pedra angular de uma nova humanidade”, nem da inspiração original de nossos Fundadores que, em seu tempo, fizeram da Vida Consagrada uma intervenção permanente do Espírito de Jesus. Devemos caminhar ao lado da outra parte da humanidade, a dos setores mais pobres da sociedade, não somente sobre a base do que temos, mas daquilo de que hoje a humanidade necessita. São suas necessidades que devem definir nossa disponibilidade. Uma tarefa essencial que se apresenta hoje na Vida Consagrada consiste em ser a presença viva de Deus, ali onde o desespero, a violência, a pobreza...dão às pessoas a sensação de que Deus está ausente. Este movimento nos faz ir de onde estamos para aonde Deus nos chama para assumir uma liderança profética com um povo que anda pelo deserto em busca de novos caminhos de salvação.

Independentemente de nossa afiliação a uma determinada família, podemos ser verdadeiros representantes da família de Deus, não só na Igreja, mas sobretudo ante todas as pessoas. Esta foi a contribuição específica da Vida Consagrada na Ásia, onde a família continua sendo

importante. Os consagrados e as consagradas têm algo especial para contribuir à família natural e à igreja doméstica, dando prioridade à educação das crianças e dos adolescentes. Devido ao fato de serem peritas em formação, educação e comunicação, as pessoas consagradas podem estabelecer redes de famílias para promover a cultura de vida e através da família. Somos uma família a serviço de todas as famílias e de toda a família humana. Devido à composição cada vez mais multicultural e multiétnica de seus membros, a Vida Consagrada testemunha em todos continentes a universalidade da mensagem do Evangelho em um mundo globalizado.

### III – Uma nova criação como caminho rumo ao Reino de Deus

#### Introdução

As mudanças no mundo e o novo conceito de Vida Consagrada que está surgindo no século XXI nos obrigam a repensar e redefinir o sentido de nossa missão evangelizadora.

Sabemos que a meta da nossa missão evangelizadora no mundo pósmoderno é dar testemunho de que só podemos transmitir o Evangelho vivenciando-o. Este é o eixo central da evangelização a começar por nosso batismo em Cristo. A experiência do amor de Jesus em nossa vida é o poder secreto do Evangelho e o poder de seu Espírito Santo, que renova a face da terra.<sup>8</sup> Somos chamados a sanar o mundo e fazer dele um lugar melhor!

Como Igreja, chamada pelo Concílio Vaticano II a renovar-se, queremos seguir a Jesus e sua missão. Portanto, devemos interrogar-nos se estamos suficientemente preparados e equipados para proclamar o Evangelho, que é anunciar Jesus, a Boa Notícia de Deus aos homens. Jesus foi o primeiro evangelizador. Portanto, evangelizar consiste em comunicar aos homens o sentido, o conteúdo dos ensinamentos e a vida de Jesus. O anúncio do Reino de Deus, que era o centro de sua missão e de sua vida vivenciada em união com o Pai, era sua missão evangelizadora.

Sua mensagem sobre o Reino é realmente uma nova experiência do amor de Deus em nosso coração, que deve ser vivenciada em comunidade e compartilhada. Ser parte do Reino e, portanto, dos planos eternos do Pai se soma à alegria que o mundo pode oferecer-nos.

A Igreja, nascida da atividade evangelizadora de Jesus e de seus apóstolos e discípulos, nunca tem cessado desde há mais de dois mil anos de ser a presença viva de Jesus. A Igreja é evangélica em sua natureza, mas também necessita ser evangelizada. Por isso, o Concílio Vaticano II e o Sínodo dos Bispos sobre a Evangelização tem convocado todo o Povo de Deus a converter-se e a renovar-se pelo Evangelho de Jesus, com o objetivo de comunicar a Boa-Nova ao mundo.

Ser evangelizados, não significa continuar com nossas próprias ideias ou as ideias de nossa cultura dominante, mas haver-nos com ser totalmente fiéis ao Evangelho de Jesus encarnado em nosso tempo. Desse modo, o Sínodo sobre a Evangelização declarou que: “Evangelizar, para a Igreja, significa levar a Boa-Nova a todos os ambientes da humanidade e, com seu influxo.

---

<sup>8</sup> PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi* n° 4.

Transformar desde dentro, renovar a humanidade: ‘Eis, pois, que faço novas todas as coisas’. Por conseguinte, a finalidade da evangelização é esta mudança interior e, se fosse para resumí-la em uma só palavra, o melhor seria dizer que a Igreja evangeliza quando, só pela força divina da Mensagem que proclama, trata de converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva das pessoas, sua atividade, sua vida e ambiente concretos”.<sup>9</sup> Assim, “Setores da humanidade que se transformam: para a Igreja não se trata somente de pregar o Evangelho em áreas geográficas cada vez mais vastas, ou a populações cada vez mais numerosas, mas de alcançar e transformar com a força do Evangelho os critérios de juízo os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que estão em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação”.<sup>10</sup>

A evangelização consiste, pois, em restaurar os planos originais do Pai que se manifestam através da vida de Jesus, para que o Espírito de Jesus governe e guie a chegada dos novos céus e da nova terra. A missão evangelizadora não é tanto uma série de atividades organizadas e de programas bem estruturados, mas uma constante e completa abertura ao Espírito vivo de Jesus que hoje atua no mundo. Porque, como disse São João Crisóstomo: “Os que estão no céu são aqueles que se puseram em sintonia com o Espírito quando estavam na terra”.

## 1. A missão evangelizadora como restauração da confiança na força do Espírito, como rumo para uma transformação interior e exterior

Hoje, nossa confusão interna se reflete em nossas atividades e proceder: a competitividade, o interesse pessoal, o egoísmo, a preocupação pela imagem pessoal, a família, nossa Congregação, o orgulho nacional. Já não podemos discriminar entre os conflitos internos e as realidades externas. Não sabemos muito bem se estamos seguindo o caminho do Evangelho ou do mundo. Os posicionamentos se tornam irreconciliáveis e as divisões tão profundas que necessitam de razão e fé. A violência persistente e as guerras permanentes em muitas regiões do mundo, incluindo em especial o Oriente Médio, bem demonstram nossa incapacidade para conciliar os desígnios de paz de Deus, com a busca da supremacia e a hegemonia de uma diminuta minoria. Com o tempo, esta situação vai impregnando nossas ideias e opções e se vai expressando em nossas palavras, nosso proceder e nossa forma de vida. Não é fácil corrigir ajuizamentos apascentados durante anos. Em face das iminentes ameaças, adquirimos a tendência de perder a confiança e a confinar-nos em nossos pequenos guetos, ao amparo das fronteiras étnicas e religiosas.

Neste contexto de um mundo perigoso é preciso evangelizar, recuperando a confiança na Boa Nova e a coragem de seguir Jesus por seu caminho rumo ao Reino de verdade e justiça. Para isto, devemos primeiramente eliminar o veneno e as toxinas de uma perspectiva confusa e fragmentada da vida e recuperar a confiança, pondo nossa fé em Deus que vem a nossas vidas e a nosso ser. Por isso, *Gaudium et Spes* nos recorda que a “separação que vemos em muitas pessoas entre a fé que professam e sua vida cotidiana, é uma das desordens mais graves do nosso tempo”. Desponta a necessidade de uma nova bússola para a humanidade. No início do novo milênio, João Paulo II nos exortou com estas palavras: “Quanta riqueza, queridos irmãos e irmãs, nas orientações que nos deu o Concílio Vaticano II! Por isso, na preparação do Grande Jubileu, solicitei à Igreja que *se interrogasse sobre a acolhida do Concílio*. Foi feito isto? O Congresso que se realizou aqui no Vaticano foi um momento dessa reflexão, e espero que, de maneiras diversas, se tenha realizado igualmente em todas as igrejas particulares. À medida que os anos vão

<sup>9</sup> Ibid, nº 18.

<sup>10</sup> Ibid nº 19.

passando, aqueles textos não perdem seu valor nem seu esplendor. É preciso lê-los adequadamente, e que sejam conhecidos e assimilados como textos qualificados e normativos do Magistério, dentro da Tradição da Igreja. Após concluir o Jubileu, sinto mais que nunca, o dever de destacar o Concílio como *a grande graça com que a Igreja foi beneficiada no século XX*. Com o Concílio nos foi oferecida uma bússola segura e inquestionável para nos orientar no caminho do século que inicia”.<sup>11</sup>

Temos a convicção de que o Concílio foi “uma grande graça para a Igreja no século XX”. Agora a Igreja pode fixar o olhar no futuro com confiança, sabendo que o Evangelho de Jesus que recebeu é realmente o legado das gerações futuras. Tomamos consciência da necessidade de reconsiderar o condicionamento cultural do passado para que as sementes do Evangelho possam germinar e lançar raízes num campo novo e em uma nova ecologia humana. Temos de recuperar nossa confiança na robustez formadora do Evangelho e converter-nos em agentes de uma transformação da cultura.

Nós também somos lembrados que a essência do Evangelho de Jesus versa a restauração do Reino de Deus, que trata da revitalização dos novos céus e da nova terra, nas pessoas, nas comunidades e na sociedade. Esta tríplice integração do ego, da comunidade e da sociedade deve constituir parte deste processo.

Temos a confiança interior de que temos algo a oferecer ao mundo. Nossa confiança não é arrogância ou uma sensação de superioridade, mas é a disposição para dar ouvido às vozes do nosso próximo. Esta é a nossa abertura à revelação permanente e progressiva da voz de Deus na comunidade humana.

## 2. A missão evangelizadora como integração da vida

O mundo de hoje necessita de integridade e de integração. Neste mundo fragmentado e dividido, o tecido social está em tiras, e as fibras de nossas vidas foram substituídas por materiais sintéticos. A vida não é mais que um todo orgânico. Deve ser reconstruída para restaurar a unidade entre seus componentes. O conjunto, reflexo da totalidade, deve ser global em sua essência e em seus elementos essenciais. Não deveria existir nenhuma diferença entre a voz interior e as manifestações externas. Para isto, temos de refocalizar nossa interioridade, orientando-nos a partir de nossa escala de valores e prioridades, e não de acordo com as normas exteriores e as imposições da sociedade. Esta interioridade é essencial para nossa integridade e nossa plenitude. É inegável que o decréscimo de vocações religiosas está conectada com o declínio da vida religiosa em geral. Existe uma clara diferença entre nosso discurso e nossos testemunhos. Amiúde tem-se a impressão de que a Igreja se instalou tranquilamente em ilhotas de opulência em meio de oceanos de pobreza.

A desintegração e a fragmentação estão unidas em nossa ênfase pela modernidade, por *Satanás*, o príncipe do mal, e por *Mamona*, símbolo da cobiça, da avidez pela riqueza, das honras e da concupiscência. Devido à nossa escassa compreensão das forças culturais que atuam em nossa sociedade, nos tornamos incapazes de discernir entre o transitório e o permanente. Ser enfatado significa ser presa de uma atração insensata e extravagante, um desejo forte que nos leva a dizer sim a qualquer um e qualquer coisa, e nos faz surdos ao que nos possam dizer. Trata-se de um apego violento e irracional a algo que não é digno de, ou não merece apego.

---

<sup>11</sup> JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte*, n° 57.

Portanto, temos de empreender um processo para restaurar o Reino da verdade e do amor, e a harmonia em nós. Em tal caso, produz-se uma mudança em nossos microrrelacionamentos com nossos amigos e nossos inimigos, com nossa família e nossa comunidade. Esta microcomunidade conduz a uma renovação das macrorrelações sociais, econômicas e políticas. Mais que um estado de vida, a Vida Consagrada, em sua concepção mais radical, é um processo que nos leva cada vez mais a nos conformar com Jesus, como resultado de uma constante mudança.

Esta mudança em nosso enfoque pedagógico requer um bom equilíbrio na comunicação da informação, uma formação nos valores, e a promoção de uma cultura alternativa que pode conduzir a uma transformação permanente e global.

### 3. A missão evangelizadora como encontro transformador para alcançar a justiça e a verdade

A educação transformadora consiste em uma formação das consciências que ajuda os indivíduos a serem mais humanos, os orienta na verdade, infunde neles o respeito pela vida, e os introduz em autênticos relacionamentos interpessoais. É necessário, pois, educar os jovens a valorizarem a vida desde sua origem. É uma ilusão acreditar que podemos construir uma cultura da vida se aprende a aceitar e viver a própria sexualidade, o amor e a vida toda, respeitando seu verdadeiro significado e sua íntima interconexão. A sexualidade, fonte de riqueza para toda a pessoa, “manifesta seu significado íntimo levando ao...dom de si no amor”<sup>12</sup>

A educação também deve despertar nos jovens o desejo de mudar o mundo em profundidade. A formação de uma nova consciência está destinada a impedir que as pessoas se resignem com fatalismo à sua condição atual, ou que se sirvam da violência como vingança ou represália contra a injustiça. O Evangelho de Jesus tem de dar uma contribuição especial aos novos movimentos que projetam construir um mundo melhor.

Essa educação que transforma deve promover uma nova sensibilidade pelos pobres. A missão da Igreja é escutar o clamor das pessoas em perigo e sua ansiedade e angústia em um mundo indiferente, que não reconhece a dignidade deles como filhos e filhas de Deus. A proclamação da Boa Nova de Jesus aos pobres, a liberdade aos oprimidos e a alegria aos aflitos começa no e pelo Espírito Santo, que liberta as pessoas de seus pecados e das consequências sociais dos pecados.

No Sínodo dos Bispos sobre a justiça no mundo relacionou, muito acertadamente, a pregação do Evangelho e a missão evangelizadora: “*A ação em nome da justiça e a participação na transformação do mundo, para nós são uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, isto é, da missão da Igreja para a redenção da raça humana e sua libertação de toda e qualquer situação de opressão*”.<sup>13</sup> É nossa sensibilidade à condição humana que nos dá a oportunidade de nos convertermos em colaboradores da obra divina.

<sup>12</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitæ*, n° 97.

<sup>13</sup> Sínodo dos Bispos, 1971, *A justiça no mundo*, n° 6.



### **3.1. O caminho rumo a uma nova tomada de consciência e uma renovação das consciências**

Somos chamados a desempenhar novas funções e novas tarefas em todos os setores da atividade humana e, especialmente em nível mundial para que a justiça se converta em uma realidade. Nosso trabalho tem de ir primeiro às pessoas e às nações silenciadas, vítimas emudecidas pelas injustiças. Nossa missão é evangelizar a consciência dos centros de poder do “mundo rico” (tanto no primeiro mundo como nos países emergentes) e dar esperança àqueles que vivem em condições inumanas e sofrem todo tipo de opressão.

### **3.2. Ir aos novos pobres para levar-lhes a verdade e a justiça**

Só poderemos saber quem são os novos pobres, indo ao encontro deles e fazendo assim a descoberta de novos territórios. Devemos ir às bordas da sociedade, entre os migrantes, os refugiados, as populações indígenas, as crianças de rua, as pessoas sem lar, as mães solteiras, os anciãos e aos portadores da AIDS. Se realmente quisermos ser discípulos do Bom Pastor, não deveremos ir somente à procura da ovelha perdida que os Fundadores de nossas Congregações foram buscar para trazê-la ao redil; teremos de preocupar-nos também pelas noventa e nove ovelhas que desde então se tenham perdido. A atenção pastoral a essas ovelhas também deve ser uma trilha para encontrarmos soluções permanentes através da defesa social.

Temos de libertar-nos do medo do outro, com o objetivo de proclamar juntos a obra de salvação de Deus, que é misericórdia e amor. O diálogo se tem convertido em uma característica essencial de nossas vidas e de nosso anúncio. Devemos escutar o que o Espírito Santo disse às Igrejas (*cf Ap 2, 11*), e tomar consciência da necessidade de trabalhar todas as tradições religiosas, unidas, para caminhar rumo a um mundo novo. Em vez de nos perguntarmos: “Como me preparo para a outra vida?”, devemos perguntar-nos: “Como nossas religiões podem aprender umas das outras a viver em harmonia?”. A missão do Povo de Deus é difundir a alegria entre os homens e as mulheres de Deus, através de uma vida vivenciada em harmonia.

Em nossa cultura que exalta o individualismo, o espírito de competitividade e a riqueza, devemos promover a identidade interior através de uma renovação do coração que conduz a um modo de vida verdadeiramente humano, na justiça, amor e simplicidade. Fazendo com que a pessoa seja mais humana, esta educação lhe ajudará a não ser manipulada pelos meios de comunicação e pelas forças políticas, e a assumir o controle de seu destino. Assim, as comunidades poderão ser verdadeiramente humanas.

Não devemos continuar constituindo pequenos grupos isolados, ineficientes, dispersos por todo o mundo, sobretudo se isto favorecer a arrogância, a agressão e o conflito generalizados.

### **3.3. Caminhar em companhia de outros crentes, por meio de encontros interreligiosos**

Nós estamos prontos e dispostos a participar na vida das pessoas de outras religiões, para multiplicar as oportunidades de ouvir vozes diferentes. Estamos convictos de que fazem parte do tecido que Deus quer tecer para a família humana. A contribuição especial dessas pessoas é tornar o Evangelho mais vivo para nós, discípulos de Cristo, porque todas têm algo para oferecer em termos de formas de oração, simplicidade de vida, gestos de compaixão, respeito pela natureza, submissão total à vontade de Deus, profunda religiosidade. Os discípulos de Jesus na Ásia têm a convicção de que o Evangelho é para toda a humanidade.

### 3.4. Solidariedade em face das grandes questões emergentes no mundo

A formação para a verdade e a justiça diz respeito a nosso compromisso comum, fundamentado na fé, em face dos grandes problemas atuais: o meio ambiente, a interdependência mundial, os direitos humanos dos excluídos, a difícil situação das mulheres e das crianças e adolescentes. Hoje tornou-se evidente que não podemos separar a dignidade humana dos direitos humanos. Assim também não se pode separar a fome da verdade de Deus da fome de justiça. Portanto, a educação das consciências e a promoção da beneficência e comiseração devem andar juntas. Nossa missão de evangelizar deve levar estes dois elementos de salvação em e através do único Corpo de Cristo, oferecido a toda a família humana.

A educação para a verdade e a justiça é também educação para promover um relacionamento com Deus que nos anima a mudar as instituições sociais e a vida política. As pessoas, obrigadas à pobreza e às privações, continuam proclamando seu direito inalienável a serem livres, ter a esperança de viver com dignidade. Uma educação verdadeiramente humana pode contribuir para eliminar os circunstanciais mais obscuros da história. Progressos importantes no campo do conhecimento, da comunicação, da ciência e da tecnologia nos levam a colaborar na luta contra o analfabetismo, a fome, a opressão. Criamos assim como que pequenos faróis que constituem um ponto de referência para todos aqueles que necessitam tomar uma nova direção na vida. Devemos criar modelos alternativos de vida, opondo-nos a padrões dominantes no mundo e em nossas instituições e estruturas, que são importantes e úteis, porém podem estar necessitando de um novo espírito para tomar consciência da capacidade que o Evangelho tem de influenciar as atividades humanas desde o interior. Por último, devemos interrogar-nos se estamos dispostos e deixarmos evangelizar por pessoas de outras religiões e culturas.

## 4. A missão evangelizadora como nascedouro de uma ecologia transformadora

A Palavra em que cremos, o culto que celebramos, o testemunho que damos abrem o caminho para a cultura da vida, como ponto de partida de uma vida enraizada em Deus. Daí a necessidade de um novo serviço de formação, dedicando-nos especialmente à inculturação da mensagem cristã, relacionando o Evangelho com os diferentes domínios do saber. Sobre o fundamento da Doutrina Social da Igreja, a educação cristã abre as pessoas ao amor, à justiça e à paz, ajudando-as a concretizar seus deveres sociais e morais. A Encarnação é uma inculturação do divino no humano. Este processo de transformação dá lugar a uma nova ecologia, como uma das principais molas da transformação humana.

Dia após dia nos tornamos mais conscientes de que a transformação humana deve iniciar por um retorno à espiritualidade; pessoas transformadas que se convertem em elementos de uma nova arquitetura global e em sementeira do novo Jardim do Éden. Esta transformação se baseia em uma compreensão mais profunda da Palavra e das raízes de nossas culturas. Esse retorno à Palavra transcendental, arraigada em nossa divindade, abre o caminho ao desenvolvimento de um novo paradigma centralizado em Deus e orientado para os homens. Com suas aspirações, atitudes, crenças e espiritualidade têm um papel a desempenhar nesta transformação dos indivíduos e das comunidades.

Nos novos viveiros espirituais e culturais a pessoa aprende a respeitar a si mesma, para resistir à exploração e à dominação, para dar sentido à vida e à morte, à dor e à alegria, àquilo que a humanidade produz e consome. Simplificando, a cultura é um entorno propício ao crescimento. Mas isto requer uma espiritualidade que concilie intimamente as dimensões imanente e

transcendente da vida humana, uma espiritualidade que veja pelas costas o individualismo, (a fragmentação do ser interior e a consciência), e a desordem e as desigualdades sociais (as manifestações externas de desordem interna). É imprescindível uma revitalização da cultura para incrementar a confiança em si mesmo e nos outros, para uma democracia mais participativa, um uso mais criativo da tecnologia e uma redução mais durável da pobreza. Esses novos viveiros de pessoas reunidas em presença de Deus para construir uma sociedade civil baseada na participação democrática e no compromisso com um Deus comum, não de dar lugar à civilização do amor.

A evangelização se converte em uma realidade cada vez que a Igreja a regula para criar a ecologia necessária para promover a cultura da vida. A cultura e as estruturas de que hoje necessitamos devem ser uma nova matriz de vida. Esta nova matriz nos permitirá encontrar as palavras adequadas e participar em um diálogo e convivência com as pessoas de todas as religiões e culturas. Este é o fruto dos novos encontros entre os movimentos das pessoas que se comprometem a uma transformação global da vida. As duas condições da missão na Ásia são: Retornar às palavras de vida e à unidade entre todos os crentes que trabalham em favor da existência e que crêem em Deus.

#### **4.1. A missão evangelizadora como promoção a cultura de vida na Igreja**

O Papa Bento XVI assevera que “sem a orientação do amor na verdade, as tendências atuais em nível global correm o risco de causar danos até agora desconhecidos e novas fraturas na família humana. Portanto, nós nos encontramos diante de uma tarefa nova e criativa para ampliar a razão para que seja capaz de entender e orientar essas novas dinâmicas de grande escala, animando a perspectiva da “civilização do amor” cuja semente Deus semeou em cada nação e em cada cultura”.<sup>14</sup>

*“É urgente uma mobilização geral das consciências e um esforço ético comum, para se pôr em prática uma grande estratégia em favor da vida”(...) A urgência desta virada cultural está ligada à situação histórica que estamos atravessando, mas radica-se sobretudo na própria missão evangelizadora confiada à Igreja. Tem-se de começar por renovar a cultura da vida no seio das próprias comunidades cristãs. Muitas vezes os crentes, até mesmo os que participam ativamente na vida eclesial, caem numa espécie de dissociação entre a fé cristã e as suas exigências éticas a propósito da vida, chegando assim ao subjetivismo moral e a certos comportamentos inaceitáveis. Devemos, pois, interrogar-nos, com grande lucidez e coragem, acerca da cultura da vida que reina hoje entre os indivíduos cristãos, as famílias, os grupos e as comunidades de nossas Dioceses. Com igual clareza e decisão, teremos de individuar os passos que somos chamados a dar para servir a vida na plenitude as sua verdade. Ao mesmo tempo, devemos promover um confronto sério e profundo com todos, inclusive com os não-crentes, sobre os problemas fundamentais da vida humana, tanto nos lugares da elaboração do pensamento, como nos diversos âmbitos profissionais e nas situações em que se desenrola a existência de cada um”*<sup>15</sup> A questão fundamental é saber como os consagrados e as consagradas e a Vida Consagrada podem promover a tomada de consciência de uma renovação intraeclesial necessária dentro da Igreja, que é uma prioridade para a nossa missão evangelizadora.

<sup>14</sup> BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, n° 33.

<sup>15</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitæ*, n° 95.

## 5. A missão evangelizadora como testemunho profético do amor de Deus no século XXI

Como vimos acima, para os consagrados e as consagradas, a missão hoje consiste em ser testemunhas do amor de Deus no mundo. É com alegria e orgulho que recordamos aqueles e aquelas que foram testemunhas vivas da missão evangelizadora, em seu sentido mais amplo, no mundo pós-moderno. Na Ásia, duas grandes figuras são destacadas especialmente: a Santa Madre Teresa de Calcutá e o Papa João Paulo II. As multidões que assistiram aos funerais deles, haviam reconhecido em ambos o reflexo do rosto do Deus de amor já acolhido em seus corações. Madre Teresa foi a imagem viva da comiseração pelos mais pobres dos pobres. João Paulo II não hesitou em engrossar a voz em prol da paz, e o fez com muita coragem. As pessoas perceberam neles o rosto da contemplação e da compaixão que, para as diversas religiões na Ásia representam da face de Deus: um Deus que escuta e se preocupa. É surpreendente que um homem, objeto da admiração generalizada como foi esse Papa, que mudou o mundo, por alguns, também na Igreja católica, fosse considerado tradicionalista, que promovia “valores conservadores” como, por exemplo, o aborto, a contracepção, a homossexualidade. Como foi possível que tantas pessoas pertencentes a outras religiões, muçulmanos, hindus, budistas, judeus...tivessem tanto respeito por ele e pelos posicionamentos que ele defendia? Reconheciam o poderio e a autoridade de sua personalidade e de suas convicções, a intensidade de sua espiritualidade. João Paulo II e Madre Teresa são ícones da luta contra o secularismo e o liberalismo, o relativismo, o materialismo e o individualismo que o acompanham.

A morte de João Paulo II - Pastor de Roma -, e a de Madre Teresa, - anjo dos pobres de Calcutá -, deram azo sagrado para centenas de líderes mundiais e milhões de pessoas, com suas lágrimas e sua tristeza darem mostras de sua dor pela separação, mas que sabiam também que Deus devia estar jubiloso ao ver esse “pastor e esse anjo” em Sua presença. Ambos testemunharam sua verdade com uma paixão que vem do coração, e vivenciaram sua existência com coragem, compaixão e alegria. João Paulo II proclamou que é preciso opor-se à negação de Deus que abre a porta ao materialismo dialético e ao consumismo, e condenou energeticamente o capitalismo ocidental sem alma. Suas mensagens, nas quais condenou as injustiças e pregou o evangelho da compaixão, beneficência, comiseração e paz, foram escutadas no mundo inteiro. Muita gente percebeu de imediato a absoluta ausência de contradição nesse homem, cujas tomadas de posição também foram vigorosas sobre a pena de morte e a guerra no Iraque. Ele mostrou que nossa credibilidade depende da autenticidade com que vivenciamos as verdades que proclamamos. Foi precisamente isto que fez com que João Paulo II fosse uma personalidade tão diferente e maravilhosa. Sentia-se em sua casa em qualquer parte do mundo, mostrando assim que Roma não é somente o coração da Igreja católica, mas também um lar para todos aqueles que deixam um espaço em suas vidas para Deus.

Por esta razão, na Ásia João Paulo II foi considerado não apenas o Bispo de Roma e Cabeça da Igreja Católica, mas também um líder espiritual e promotor da santidade através da justiça e da paz para todos os povos. E Madre Teresa não somente foi vista como católica, mas também como cidadã indiana com um amor total aos pobres desse país. Suas Irmãs foram vistas como sendo o rosto e as mãos amorosas em muitas partes do mundo pelos novos pobres. O nome, a obra e a vida de Madre Teresa e de João Paulo II foram associados com importantes valores humanos e beneficência e justiça. Acaso, não é este o novo rosto do Deus de amor no mundo?

Muitas pessoas na Ásia reconheceram o rosto de Jesus não somente em Madre Teresa e em João Paulo II, mas também em centenas de outras centenas de testemunhas silenciosas de Jesus e no poder do seu Evangelho. Todas assimilaram as intuições profundas do Concílio Vaticano II, que convocou a Igreja a abandonar suas preocupações internas e a ser mais missionária, em diálogo com as nações e os povos. O objetivo da visita de João Paulo II em cento e vinte e nove países do mundo não foi apresentar-se como chefe da Igreja, mas para promover o diálogo entre as nações para a vinda do Reino de Deus. João Paulo II não foi só um papa originário da Polônia, e Madre Teresa uma religiosa originária da Albânia: eles foram um reflexo do Jesus da Galileia, que transmitiu um novo estilo de vida à humanidade.

Este conceito da missão como transmissão promove a difusão da cultura da vida, abrindo assim o caminho para a ecologia humana. A missão, na teologia antes do Vaticano II, levou o selo de sua época, que era o dos construtores do império. Hoje em dia, o mundo mudou devido à globalização, que levou à homogeneidade e à exclusão. O anúncio do Evangelho aos povos de hoje deve ajudar a refletir sobre a situação mundial e a encontrar novas formas de expressão no mundo.

A missão das pessoas consagradas está, pois, a exigir uma renovação do coração. A Palavra de Deus em que nós acreditamos deve estar em consonância com nossos discursos. As celebrações devem espelhar a vida interior de nossa comunidade. E o testemunho que decorre desse culto deve ser nosso etilo de vida no mundo. A evangelização deve promover um novo *ethos* transformador. O Evangelho será importante quando as pessoas de hoje começarem a esforçar-se para reencarnar plenamente a imagem de Jesus, vendo o mundo sob uma nova luz e assim poderem escutar mais atentamente o clamor sempre mais intenso do povo desta geração. Desta forma viverão mais plenamente como pessoas que, no final de contas, são convidadas para acelerar a chegada de novos céus e de uma nova terra.

## 6. Uma missão “inter gentes” para o terceiro milênio

Esta formulação de nossa missão evangelizadora nos faz passar da missão *ad gentes* para a missão *inter gentes*. *Da missão às nações à missão entre as nações. Da pregação do Evangelho à encarnação do Evangelho na vida das pessoas e de toda a humanidade.* Nosso novo território de missão é o mundo da globalização.

Os Livros Sagrados de todas as religiões convocam a indivíduos, comunidades e sociedades para um processo de recriação do mundo. Mediante a promoção da interconexão, a globalização tende a fortalecer o pluralismo e a modificar as ideias que temos. Esta nova conceituação do pluralismo pode contribuir para a definição de uma teologia das religiões mais correta e mais perfeitamente de acordo. Temos compreendido a necessidade de trabalhar com as pessoas de todas as religiões pela paz e a solidariedade humana, de acordo com o plano de Deus. “Glória a Deus no céu, e na terra paz aos homens que Ele ama” é nossa oração.

Na Ásia, com o passar dos anos, a Igreja definiu um novo conceito para o seu modo de ser Igreja, baseado em um tríplice diálogo com os pobres na região, com sua cultura e sua religião. Esta tem sido uma das preocupações mais importantes no passado. Em nosso diálogo e discernimento em todas as iniciativas da Igreja na Ásia, é preciso ter em conta a riqueza do patrimônio cultural e religioso dos povos deste continente. Desde o início, os membros da Igreja intuíram a necessidade de uma renovação de nossa missão de evangelização no contexto asiático,

voltando ao Concílio e a seus ensinamentos que nos dão força e confiança para avançar por novos caminhos de justiça nos anos vindouros.

“A Igreja tem uma responsabilidade quanto à criação, e deve afirmá-la publicamente. E, ao empenhar-se nisto, não somente deve defender a terra, a água e o ar como dons do Criador, que pertencem a todos. Sobretudo deve proteger o homem contra a destruição de si mesmo. É necessário que exista uma espécie de bem entendida ecologia do homem. Com efeito, a degradação da natureza está intimamente ligada à cultura que traça as linhas da convivência humana: *quando se respeita a “ecologia humana” na sociedade, também se beneficia a ecologia ambiental*”. Assim como as virtudes humanas estão interrelacionadas, de modo que o debilitamento de uma põe igualmente em perigo as outras, assim também o sistema ecológico se apoia em um projeto que abraça tanto a sadia convivência social e a boa relação com a natureza”.<sup>16</sup> Temos de pensar cuidadosamente em nossa responsabilidade comum de pessoas consagradas.

## 7. A missão evangelizadora como evangelização social

A história da Doutrina Social da Igreja e o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* elaborado pelo Pontifício Conselho para a Justiça e a Paz nos provam com clareza que nossa missão de evangelização no mundo deve nortear-se pela mensagem social do Evangelho. Desta maneira nos envolvemos na atividade pastoral em duas frentes: 1) ajudar aos homens e às mulheres para descobrirem a verdade e optarem pelo caminho a seguir, e 2) animar os cristãos a dar testemunho do Evangelho por suas atividades sociais em um espírito de serviço.

Temos de estabelecer o vínculo fundamental entre a compreensão das verdades e um compromisso pelas crenças fundamentais que proclamamos, e nosso esforço para interpretá-las e encarná-las, cuidando de transformar as realidades sociais, tanto em nível local como regional e mundial. Isto impõe que todos *testemunhem a verdade da pessoa humana e os valores a inspirar a toda a sociedade humana bem ordenada e produtiva*, a saber, a justiça, o amor e a liberdade.

No *Compêndio* é declarado: “*A Doutrina Social da Igreja é um ponto de referência indispensável para uma formação cristã totalmente integrada*”. A insistência do Magistério ao propor esta teoria como fonte de inspiração para o ministério e a ação social, brota da convicção de que ela constitui um instrumento extraordinário para a formação de exercermos nossas responsabilidades em várias áreas da vida social e pública. “É absolutamente necessário, que os leigos, especialmente os que trabalham em diversas formas no campo social e político, tenham uma compreensão mais clara da doutrina social da Igreja”. Este patrimônio doutrinal não é nem ensinado, nem conhecido adequadamente: este é o motivo pelo qual não se está traduzindo oportunamente no comportamento concreto”.<sup>17</sup>

Sem esta formação par os valores da santidade e do serviço generoso ao próximo, como sinal eloquente e profético da doutrina da Igreja, nunca seremos capazes de cumprir a missão dos cristãos na Igreja e no mundo. Fortalecidos pelos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia, e arraigados em Cristo, todos nós, e especialmente os leigos, temos a responsabilidade de proclamar o Evangelho nas *realidades temporais*: a família, o local de trabalho e o mundo do trabalho, a cultura, as ciências e as pesquisas, assumindo nossas responsabilidades sociais, políticas e econômicas à luz da Boa Nova do Evangelho.

<sup>16</sup> BENTO XVI, *Caritas in Veritate*, n° 51.

<sup>17</sup> *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n° 528.

Muitos de nós acreditamos que com a doutrina social da Igreja, o Evangelho pode assumir um novo significado para os povos de hoje, como nos recorda a Carta Encíclica “*Evangelium Vitæ* : “O eclipse do sentido de Deus e do homem conduz inevitavelmente ao *materialismo prático*”, no qual proliferam o individualismo, o utilitarismo e o hedonismo”.<sup>18</sup> A doutrina social é a lâmpada que ilumina nossos passos neste século. Sem ela corremos o risco de perder nosso caminho no mundo de hoje, de maneira que inclusive o futuro da humanidade poderia ver-se comprometido. Por isso, no início do novo milênio, João Paulo II convocou todo o Povo de Deus a apostar tudo pela caridade:

“Iniciando pela comunhão intraeclesial, a caridade, por natureza, se abre ao serviço universal, lançando-nos a um amor ativo e concreto com cada ser humano. Como é possível, em nosso tempo, haver ainda tantos que morrem de fome; tantos condenados ao analfabetismo; tantos carecendo da assistência médica mais Elemental; tantos sem um teto para se abrigarem? É a hora de uma nova imaginação da caridade, que promova não tanto nem só a eficácia das assistências prestadas, mas a capacidade de se tornar próximo e solidário com quem sofre, para que o gesto de ajuda seja sentido não como uma esmola humilhante, mas como uma partilha fraterna. Sem esta forma de evangelização, levada a efeito mediante a caridade e o testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho, mesmo que sendo a primeira caridade, corre o risco de ser incompreendido ou de imergir no mar de palavras a que a atual sociedade da comunicação nos submete a cada dia. A caridade das *obras* corrobora a caridade das *palavras*”.<sup>19</sup>

## Conclusão

Esta tentativa de identificar o rumo a seguir na missão da Vida Consagrada no século XXI, evidentemente é um trabalho não concluído, e o é para todas as pessoas de boa vontade. Fundamenta-se no caminho seguido pelo pequeno rebanho, na Ásia, para que o Evangelho seja importante para os dois terços da humanidade, sobretudo após o Concílio Vaticano II. Nutrida com esta renovação teológica e com as orientações pastorais que dela emanam, uma nova geração de católicos e de consagrados e consagradas tenciona, em meio a mil dificuldades, promover essa cultura e essa ecologia na Igreja e no mundo. A história que aqui compartilhamos vai para muito além de nossa experiência e do sofrimento e angústia dos nossos povos, mas, mercê deste processo de imersão em suas vidas pudemos ver brotando a alegria e a esperança no mundo da Ásia.

Acreditamos que este seja o fruto do encontro entre a força evangelizadora do Evangelho de Jesus e nosso profundo respeito pelo patrimônio religioso-cultural de todos os povos da Ásia. Queira Deus que este relato da peregrinação da Ásia, seja também nossa contribuição ao atual caminhar com a Igreja universal rumo à Terra Prometida. A Vida Consagrada poderá ser um itinerário de esperança para muitos povos na Ásia, se formos capazes de encarnar o rosto asiático de Jesus diante dos povos da Ásia e de todo o mundo.

<sup>18</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitæ*, N° 23.

<sup>19</sup> JOÃO PAULO II, *Novo Millenio Ineunte*, n° 50.

**Referências bibliográficas**

- P. MICHAEL AMALADOS, SJ  
*Towards a New Heaven and a New Earth*
  
- P. SEBASTIAN PANADATH, SJ
  1. *The Asian Heritage*
  2. *The Inward Journey*
  
- BROTHER ANTHONY ROGERS, FSC (Material não-publicado)
  1. *The Ethos for a Culture of Peace in the 21<sup>st</sup> Century*
  2. *A New Way of Being Followers of Jesus in the Post-Modern World*
  3. *Evangelisation and Human Promotion*
  4. *From Church in Asia to Church of Asia*
  5. *Social Justice and Integral Development as a Path to a New Evangelisation in Asia*
  6. *The Portrait of Asian Church in the 21<sup>st</sup> Century*
  7. *Communicating Love and Service in Asia*
  
- P. FELIX WILFRED
  1. *Asian Christianity and Modernity: Forty Years after “Gaudium et Spes”*
  2. *Asia and the Social Teachings of the Church: Some Reflections*